

PADRE AMÉRICO UMA VIDA CHEIA DE ESPIRITUALIDADE

Ernesto Candeias Martins*

“Ai que se a cada um de nós fizesse doer a sorte e o destino da Criança da rua, teríamos seguramente um Portugal maior; nem é preciso, mas melhor. Não acabariam os indesejáveis, que eles são um mal necessário; mas acabaria a injustiça dos bons, que isso é um mal livre – o verdadeiro Mal. Ora aqui está onde eu quero chegar.”¹

Padre Américo (1887-1956) foi uma figura sublime, ‘um Perdido’ pelos outros seres humanos mais débeis, ‘um revolucionário pacífico’, um ‘despertador de consciências’, um ‘recoveiro dos pobres’, um ‘apóstolo social’, um educador de rua, um educador social². Reconhecemos, logo de entrada, que nas iniciais do seu nome descobrimos o imperativo categórico das suas acções – AMA (Américo Monteiro de Aguiar), constituído como um espírito encarnado, imbuído na caridade evangélica e de humanismo social cristão. Foi um ‘*ser-no-mundo*’, um ser passível de amar os seres humanos em situação-limite de existência, dando-lhes carinho, amor e dignidade como ‘pessoas’.

Atrevemo-nos a dizer que o fundador do Jornal *O Gaiato* (1944) foi um ‘místico’ em oração e em acção. Esta dupla vertente remeteu-o, por um lado, para a prática de uma filosofia da caridade e do amor e, por outro lado, para uma filosofia da acção social e do ‘encontro’³. Ou seja, ele conheceu e agiu na

* Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Castelo Branco.

¹ P.e Américo (1984), *Pão dos Pobres*, 4.º Vol. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, pp. 118 e120.

² Martins, Ernesto C. (2004), *Padre Américo. Destino de uma vida*. Coimbra/Castelo Branco: Alma Azul.

³ Martins, Ernesto C. (2005), *O Projecto Educativo do Padre Américo. O ambiente na educação do rapaz*. Lisboa: Temas & Debates.

realidade (social e humana) dos pobres, dos desprotegidos, dos marginalizados e excluídos. Sentiu as preocupações das famílias pobres, das crianças e jovens abandonados, à luz do pensamento social católico, com uma intervenção social e educativa e com um sentido pragmático (acção social voluntária) orientado por princípios filosófico-teológicos. Ele conhecia, devido aos contactos directos com esses seres humanos fragilizados, as condições problemáticas em que viviam, as dificuldades de sobrevivência e as situações-limite originadas pelos diversos flagelos sociais e morais.

O fundador da Obra da Rua foi um aderente às ideias de modernização económica que integravam a racionalidade moderna da época, com estratégias de oposição à doutrina social de vertente integrista (e ao salazarismo), apoiando-se no pressuposto de que os problemas sociais resolvem-se apenas pela 'acção', pela intervenção prática sobre a realidade concreta individual ou comunitária, onde existia a pobreza, a exclusão, a miséria social e moral. Foi um orante silencioso das ruas e becos, mas simultaneamente um actuante nos meios de precariedade e marginalização, onde essas problemáticas sociais e humanas eram intensas. Por isso, ele propõe-nos uma filosofia do 'encontro' (vertente humanista social, personalista e pedagógica) entre os seres humanos, entre os ricos e os pobres, entre os pais e os filhos. Conviveu com ateus e cristãos convictos, com defensores e opositores ao regime salazarista e, principalmente, com o povo. É no meio do povo que sofre que constitui a sua morada de acção e oração, seguindo o exemplo de Jesus e de muitos Santos, que ao tempo foram designados por 'loucos' ou convergiram para si os olhares deslumbrados da época.⁴

É neste quadro filosófico-teológico da espiritualidade do Padre Américo que pretendemos reflectir, destacando a sua preocupação pelo 'homem', pela família, pela criança e pelo 'social', tendo como fontes documentais os seus textos – livros, artigos no 'O Gaiato', a correspondência com muitos dos seus amigos e religiosos –, entrevistas a alguns dos seus colegas no Convento Vilarinho da Ramalhosa em Tuy, no Seminário de Coimbra, depoimentos de alguns padres da rua e outras fontes documentais (imprensa).

A nossa abordagem argumentativa insistirá nas origens da sua espiritualidade activa, de índole franciscana, promovendo a dignificação do pobre,

⁴ Damos como exemplo de dedicação aos pobres e necessitados: as Irmãs das Pobres do Pinheiro Manso, Irmãs Franciscanas Hospitaleiras ou Irmãs da Missão (Cfr., O Gaiato: 'Crianças e Hospitais', *O Gaiato*, Ano XIV, n.º 360, de 28/12/1957, p. 3); Irmãs do Bom Pastor com a sua: '*Obra de apoio às Raparigas em perigo moral!*' (S.D.: 'Bairro dos pobres de S. Vicente em Penafiel', *Correio do Douro*, Ano II, n.º 10, de 23/12/1952, p. 5); as Criaditas dos Pobres; o P.e Geada de Alfama; o P.e Cruz; o P.e Airoso com o seu instituto; o P.e Grilo; a Condessa do Ameal; o Frei Gil; a carmelita D.ª Leite; as noelistas de Coimbra, etc. Nos seus textos, o P.e Américo cita a Fundadora das Irmãs das Pobres, que possuíam um Lar para idosos no Porto e que ele visitou várias vezes.

dos excluídos e das crianças abandonadas e desamparadas. No fundo, o Padre Américo foi um apaixonado pela oração, com um modo peculiar de filosofia do 'silêncio' ou da meditação interior, que lhe dava alento para a acção caritativa, assistencial e sócio-educativa, e para as formas de agir em prol dos 'outros', procurando encontrar soluções às situações-problemáticas humanas (filosofia existencialista).

De facto, as diversas influências espirituais e religiosas que sofreu determinaram o seu modo de 'filosofar' (filosofia de vida), de actuar ou 'agir' e, conseqüentemente, a pedagogia da Obra da Rua. Assim, o P.e Américo, com o seu temperamento e os influxos recebidos, não surge como um ser desencarnado e sem raízes, mas antes como um 'ente' radicado numa época, numa sociedade e numa dada comunidade, que apresentava uma concreta configuração de dimensão espiritual ou religiosa. O seu pensamento realizou-se na diversidade dos particularismos humano-sociais; assistenciais; culturais, educativos, da sociedade em que viveu. Entre esses particularismos destacaram-se os respeitantes às crianças abandonadas, marginalizadas, às '*sem-eira-nem-beira*' e aos pobres, doentes, presos e sem abrigo.

Por isso, não foi um filósofo, nem criou uma filosofia como sistema. Contudo, se considerarmos que a filosofia é '*amor da sabedoria*' e também 'acção', num saber fazer e numa abertura (aos 'outros') em que o pensar se constrói e se realiza na prática, então ele apresenta uma filosofia de intervenção particular. Esta 'filosofia' e/ou 'pedagogia' (esta referida às Casas e aos Lares do Gaiato) surge do concreto (real), como uma expressão de vida e da sua própria vida (entrega), duma cultura que bebeu, da sensibilidade com que via e sentia a realidade humana circundante e do afã de conhecê-la. Aquela filosofia expressa a acção de um homem sensível e conhecedor do Homem e da sua realidade (religação, tendo em 'Cristo Vivo' o detonador). Realidade essa de significações radicais, possibilitadora duma maneira de 'pensar' (personalismo existencial), de agir, de saber fazer e 'fazer' na prática. Por isso, realizou uma Obra da Rua com as suas várias dimensões.

Efectivamente, há no P.e Américo uma 'filosofia' voltada para uma realidade existencial humana e para o individual (o pobre, o doente, o indigente, a criança) e que conflui com a sua vivência religiosa (espiritualidade activa). A Obra da Rua é essa floração do sentimento pelos 'outros'. Daí que o seu pensamento se apresenta como acção humana no contexto intracultural, em que esse filosofar assistemático e sem formalismos de linguagem é o seu modo de agir, dependente das relações que estabelece na realidade social. Bastava-lhe o Evangelho para encontrar nele a riqueza para actuar, coisa que os filósofos e os teólogos não pressentiam⁵. Foi por esse facto que toma consciência da sua

⁵ Coincidimos com o P.e Avelino Soares que não devemos laicizar o P.e Américo. Ele trazia o Evangelho no coração e via nas suas acções aquele serviço social em prol dos pobres: "*Ele era*

missão social, quando o Bispo de Coimbra, vendo que não servia para mais nada, o manda tratar dos pobres e doentes.

Neste contexto de ideias, entendemos 'pensamento' do P.e Américo como a 'reflexão humana' (o seu pensar) que se prende com o próprio 'ser', a significação e a verdade, mas cujo 'ser' abre-se ao mundo e à existência dos 'outros' seres humanos, numa multidimensionalidade de aspectos sociais e educativos e na admissível unidade que entre si os liga e religa. É um pensamento que se abre aos apelos dos seres necessitados e que se move no 'encontro', no diálogo ou na intercomunicação. Na verdade, há na obra do P.e Américo uma dimensão social (filosofia social, filosofia da acção social e/ou pedagogia social), uma dimensão antropológica (o objectivo é o homem em 'situação-problemática' existencial de miséria, pobreza e exclusão social), uma dimensão educativa (recuperar e formar para a vida os garotos da rua) e um humanismo personalista cristão (axiológico e ético-moral) de dignificação dos seres humanos desprotegidos.

1. Antecedentes de inspiração espiritual

O P.e Américo desde a infância que assimilou as diversas correntes espirituais então existentes, sem deixar-se prender por elas. A sua piedade, ao contrário do que era hábito, está enraizada no Evangelho, fruto da educação familiar e escolar recebida e, posteriormente, desenvolvida quando sacerdote. As suas fontes primordiais de inspiração são o Evangelho, Jesus Cristo ou '*Jesus de Nazareno*', como é designado nos seus escritos, São Paulo de Tarso, S. Francisco de Assis, S. Vicente de Paulo, S. João de Deus, S. João Bosco, etc. Todas essas influências inspiraram e contribuíram para uma espiritualidade activa e actuante como sacerdote, como 'apóstolo social' e, sobretudo, como educador.

Enquanto jovem estudante, educou-se no ensino particular religioso (Colégio de Penafiel, no Colégio de Felgueiras com os Padres '*Lazaristas*'), recebendo valores espirituais próprios; que mais tarde aplicou nas suas acções sociais e caritativas (certa predilecção por S. João de Deus e S. Vicente de Paulo).

Ao longo da sua estadia em África (1906-1923) enriqueceu-se de vivências e experiências, adquirindo saberes e valores que lhe seriam úteis mais tarde. No Convento franciscano de Tuy e no Seminário de Coimbra teve contacto com ideias filosófico-teológicas e sociais da época, principalmente a neo-escolástica, o humanismo social, a doutrina social da Igreja, o personalismo e as novas ideias psicopedagógicas (Cardeal Mercier).

capaz de saber mais Teologia do que eu...[Avelino Soares]. *Estudava-a nas fontes*". Cfr. P.e Avelino Soares: 'Facetas duma vida', *O Gaiato*, Ano XIV, n.º 340 (16 de Março, 1957), p. 4.

Leu algumas biografias de místicos e obras de autores religiosos que se dedicaram ao 'apostolado social' em prol dos pobres e desprotegidos e, dessas leituras, tirou ilações para a sua forma de actuar. Fundamentalmente o P.e Américo foi um homem de 'encontros' e de diálogo (desenvolveu uma filosofia e/ou pedagogia do 'encontro') e das relações humanas, aprendendo na (con)vivência com muitos dos seus amigos, com os Prelados e com o povo. Muitas dessas amizades admiraram a sua postura na vida em prol dos pobres (sentido de pobreza e dedicação), dos excluídos e das crianças, e o ajudaram a construir a Obra da Rua.

Em relação à sua espiritualidade, ela está impregnada por um franciscanismo proveniente das conversas e da correspondência assídua com D. Rafael da Assunção, expressando um naturalismo fruto do contacto com as Obras dos Missionários Franciscanos em África e da paixão pela natureza (meio físico-natural), e com um significado interior resultante da admiração pela obra do '*Poverello*'. A sua fascinação foi o social e o ser humano (pobre, humilde, abandonado), de tal modo que procurou encontrar as causas da pobreza e da miséria, lutou pela dignidade do pobre e do marginalizado e sobretudo lutou contra as injustiças sociais do seu tempo. É essa realidade envolvente, com as suas mazelas e flagelos, que geram a sua filosofia de vida, que lhe desperta um humanismo social (no sentido do Evangelho social) e uma espiritualidade activa, expressa nas suas acções sociais e educativas.

Há no P.e Américo uma quase inata predisposição vocacional evangélica à caridade; não podemos esquecer as amizades e as relações pessoais mantidas com algumas individualidades da época quer durante a juventude, em África, no período de frade e seminarista, quer depois, como sacerdote no contacto com a hierarquia religiosa, com o ambiente cultural e social do País, que lhe abriram motivações para realizar a sua missão de '*recoveiro dos pobres*'. É nas acções que expressa os influxos espirituais, filosófico-teológicos, axiológicos, humanísticos, sociológicos e pedagógicos, fruto da sua capacidade de apreensão (aprendente e apreendente dos outros).

1.1. O culto e as devoções populares

Desde os finais do século XIX que se fermentaram grandes devoções populares, mais arraigadas na região norte do País. São exemplos, o culto ao 'Sagrado Coração de Jesus', à 'Eucaristia', ao 'Menino Jesus', a 'Nossa Senhora' e a alguns Santos. Estas devoções constituem indicadores determinantes da espiritualidade que se vivia no tempo do P.e Américo. Tão afoito e alegre que era, desde jovem, às festas populares e religiosas, praticadas nas zonas limítrofes da sua aldeia natal e no concelho de Penafiel, o 'Américo' bebeu dessas devoções e cultos.

O culto ao Sagrado Coração de Jesus propagou-se devido às *Missões Populares* paroquiais, estimuladas pelo Papa Pio IX e pela difusão do Apostolado da Oração (os Mensageiros do Coração de Jesus), tendo sido bastante praticado no concelho de Penafiel. Naquela época, o culto da Eucaristia, tão rico em conteúdo espiritual, difunde-se rapidamente, inclusive nos estabelecimentos religiosos dedicados ao ensino, onde era obrigatório assistir às cerimónias eucarísticas. Toda esta piedade eucarística centra-se na presença real de Jesus Cristo, originando a 'adoração' (inclusive a 'adoração nocturna' nas aldeias), tão praticada pelas gentes do nosso povo.

Por outro lado, o culto ao Menino Jesus insere-se na espiritualidade cristocêntrica do seu tempo, enquanto o culto a Maria expande-se por todo o orbe cristão, desde a proclamação do dogma da Imaculada Conceição (desde 1854), surgindo os santuários marianos, as peregrinações e as procissões ao longo das ruas e caminhos de muitas povoações portuguesas. O culto aos Santos populares constitui um dos pilares da espiritualidade portuguesa desde séculos passados.

Face a estes influxos religiosos, tão habituais na vivência das gentes do povo e, em especial, das do Norte, em que medida assimilou o Américo essa espiritualidade do seu tempo?

Desde criança, que ele bebe das fontes da espiritualidade desse tempo, tomando contacto mais tarde com as devoções de então. Contudo, mesmo respeitando as correntes espirituais em voga, o fundador da Obra da Rua trilhará caminhos diversos e abandonará alguns devocionismos da época. Se folhearmos todos os seus escritos, detectamos vestígios, marcas e certas influências dessa espiritualidade, sobretudo a piedade eucarística, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus⁶ e, em menor escala, a espiritualidade mariana e a devoção aos Santos.

Com efeito, nos alvares da Obra da Rua (década de 40 do século passado), o P.e Américo tem a preocupação de fazer a entronização do Sagrado Coração de Jesus nas Casas que vai criando, por exemplo, na sala de entrada da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo⁷ e, algum tempo depois, ao inaugurar o Lar do

⁶ Esta devoção está bem evidente em alguns dos escritos, por exemplo: P.e Américo (1986), *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. (5.ª ed.). Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, pp. 51, 61, 252, 314; *Idem* (1990), *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. (5.ª ed.). Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, pp. 128-129, 269, 292-293; *Idem* (1982), *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. (3.ª ed.). Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato., p. 144; *Idem* (1974), *Doutrina*, 1.º Vol. (2.ª ed.). Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, p. 245.

⁷ Seria interessante estabelecer o paralelismo com que viviam essa devoção ao Sagrado Coração de Jesus a benfeitora D. Sílvia Cardoso, sua contemporânea de Paços de Ferreira, e o Padre Cruz. Todos eles foram devotos naquele culto, procurando compensar nessa devoção o amor de Deus ofendido, pela imolação espiritual e pela acção apostólica social da conversão dos pobres pecadores. Encontramos nos dois primeiros uma certa espiritualidade acalentada pelos Papas Leão XIII, Pio X e Pio XI, de feição teocrática, mas distante dos parâmetros de optimismo realista face ao mundo vincado pelo P.e Américo e no Concílio Vaticano II. Cfr. Ramos, J. Rocha (1997), *Padre Américo. Místico do nosso Tempo*. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, pp. 54-58.

Ex-Pupilo das Tutorias e dos Reformatórios, realiza uma cerimónia simples a esse culto " *Não há convites, não há Imprensa, não há o copo d'água. Eu mai-los (sic) rapazes faremos nesse dia a entronização do Coração de Jesus, havemos de nos consagrar a Ele e está tudo dito*"⁸. Alguns acontecimentos da sua vida e da Obra da Rua estão intimamente ligados ao culto do Sagrado Coração de Jesus⁹.

Provavelmente a família, especialmente a mãe, a 'tia' Rosa do Bento (a sua catequista) e os seus tutores nos colégios (Penafiel e Felgueiras) incutiram-lhe essa devoção, que voltaria a nascer nele aquando do retiro espiritual do P.e Matéo no Seminário Maior de Coimbra, na sua etapa de seminarista. Este retiro marcou-o bastante no zelo ao Sagrado Coração de Jesus¹⁰.

Ao longo dos volumes do *Pão dos Pobres* são imensas as referências que ele faz a 'Cristo Vivo', que designa imensas vezes por 'Jesus Nazareno', 'Messias' ou 'Mestre'¹¹. Neles expressa o seu amor ao 'Mestre', do seguinte modo:

"A Igreja ensina ser um pecado que brada aos Céus a opressão dos órfãos e das viúvas pobres; os Apóstolos que ouviram, em primeira mão, as palavras do Mestre, diziam a toda a gente que não é religioso quem não cuida daqueles e destas; e o maior de todos, Paulo de Tarso, declara ser mais feliz a viúva que assim permanecer, tal o respeito e a dignidade que nós lhe devemos."¹²

Ele segue o Mestre na sua predilecção pelos pobres e oprimidos. Cumpre à regra os seus ensinamentos, indo na prática mais além dessa espiritualidade, constituindo, neste campo e no social, um autêntico precursor do Concílio Vaticano II, despojando-se dessa espiritualidade centrada no devocionismo e vivendo activamente numa inserção no mundo, na cultura da pobreza e da caridade, atendendo aos sinais dos novos tempos da doutrina social católica.

⁸ P.e Américo (1990), *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. (5.ª ed.). Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, p. 224.

⁹ São exemplos a primeira palestra dirigida ao povo do Norte num dos emissores do Porto, coincidindo com essa festividade, tal como em Junho de 1947; foi nessa celebração que o Cardeal Cerejeira o chama para fundar a Casa do Gaiato do Tojal, ou ainda essa celebração com os beneditinos do Rio de Janeiro, aquando da sua viagem ao Brasil, etc. Cfr. P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. (3.ª ed.), op. cit., p. 144; *Idem* (1973), *Viagens*. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, p. 25; *Idem* (1961), *A Porta Aberta*, (2.ª ed.), Paço de Sousa, Imp. Tip. da Casa do Gaiato, p. 12.

¹⁰ O Ver. A. Nunes Pereira, seu companheiro no Seminário de Coimbra, confirmou-nos em várias entrevistas realizadas naquele Seminário, essa 'marca profunda' do P.e Matéo e da devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

¹¹ P.e Américo: *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., xiv, 33, 37, 73, 238-241, 295, 311; 2.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., pp. 15, 39, 44, 73, 186, 209, 220, 253, 266, 272; 3.º Vol. (3.ª ed.), op. cit., pp. 18, 29, 44, 141 e 210.

¹² P.e Américo: *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., p. 286.

Como dissemos anteriormente, o outro culto enraizado nele é o da Eucaristia. Frente ao sacrário, no silêncio da oração, encontra a luz que o encaminha para os promíscuos e frios becos das zonas degradadas da 'Baixa' de Coimbra, do Barredo e Miragaia no Porto, Casal Ventoso de Lisboa, etc. Sendo um homem de 'oração' e de 'acção', a Eucaristia e o silêncio frente ao sacrário constituem o centro da sua vida sacerdotal e de 'apóstolo social', já que inicia a sua 'via-sacra' quotidiana celebrando de madrugada em alguma igreja:

*"Eu, porém, mais avisado, comecei o dia em S. Domingos. Gosto daquela hora. Gosto daquela afluência. Deliro poder dar o Senhor, à Missa, ao rebanho que ali vem, trazido pela voz do seu pastor. São os humildes. São os pacíficos. São os ignorados que o nosso bom Deus conhece pelo nome! Gosto daquela hora."*¹³

Efectivamente, a Eucaristia proporciona-lhe o diálogo íntimo com Deus e a oração, a concentração interior e o sentimento da 'agonia' dos humildes. Ela dá-lhe energia, serve de tónico para superar os sacrifícios e as dificuldades na ajuda aos necessitados. Quotidianamente a Eucaristia constitui o ponto de partida e chegada às suas acções, o ciclo dialógico com Deus (oração), com os pobres e seres necessitados, e novamente ao entardecer com Deus (religação). A maneira de celebrar a Eucaristia era algo invulgar, pelo modo de concentração e felicidade que exprimia nesse acto litúrgico.

Pode-se acusar o P.e Américo de ser pouco mariano, quando esse culto a Nossa Senhora ressurgiu no século XIX. É certo que nos seus escritos alude pouco a Maria, mas isso não significa que Ela não estivesse presente na sua vida. A sua inovação, precursora do Vaticano II, é que vê em Maria simplesmente a 'Mãe de Jesus', já que "*Ela é o eterno. Ela devia ser a irradiação onde os homens se aquecessem. Luz por onde se guiassem... e guiassem*"¹⁴.

Também não encontramos uma devoção especial pelo Menino Jesus. Pelo contrário, nutre uma grande predilecção pelo Santíssimo Nome de Jesus, de tal modo que ele passa a ser, desde o início da Obra, o Patrono das Casas do Gaiato e, mais tarde, quando funda as Conferências de S. Vicente de Paulo naquelas Casas, congratula-se com o facto de os gaiatos lhe colocarem o nome de 'Santíssimo Nome de Jesus'¹⁵.

Porquê esta especial devoção, já que nunca foi um homem de devoções sentimentalistas e desencarnadas?

¹³ P.e Américo (1987), *De como eu fui...* Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, p. 12.

¹⁴ P.e Américo (1974), *O Barredo*, (2.ª ed.). Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, p. 255.

¹⁵ P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. (3.ª ed.), op. cit., p. 92; *Idem*, *O Barredo*, op. cit., pp. 165 e 246.

P.e Américo é essencialmente cristocêntrico no seu pensamento filosófico-teológico e pedagógico e, por isso, tudo o que remeta para a figura de 'Cristo Vivo' fascina-o. Daí que o '*Sagrado Coração de Jesus*' e o '*Santíssimo Nome de Jesus*' sejam duas dimensões do seu cristocentrismo¹⁶. Enquanto a Eucaristia é o centro da sua vida, o detonador das suas acções assistenciais e socioeducativas, o Evangelho é o seu livro no agir na realidade social (guia).

Por outro lado, verificamos que o P.e Américo nutriu uma especial devoção por alguns Santos e 'apóstolos sociais' com espiritualidade cristã. A par de São Francisco de Assis, que é o santo da sua devoção, e que iremos abordar num dos pontos seguintes (o seu 'franciscanismo'), alguns outros Santos exerceram sobre ele uma maior ou menor influência (filosofia de vida). A aproximação a esses Santos fá-la pelas leituras místicas ou através das suas biografias. O relato de vida desses místicos e 'apóstolos sociais' e das empresas que realizaram, motivavam o P.e Américo a prosseguir a sua Obra e realizar algumas grandezas espirituais: caridade ao pobre.

Curiosamente, estes Santos da sua devoção são figuras cimeiras da espiritualidade cristã, que se notabilizaram pelo seu desprendimento e pela dedicação ao 'próximo' e, em especial, aos pobres. São por exemplo, as referências a S. Vicente de Paulo¹⁷, a S. João de Deus¹⁸, a S. Francisco Xavier¹⁹, a S. Martinho de Porres²⁰, a S. José, a S. João Baptista, a S. João Bosco, etc., ou, ainda, Isabel de Hungria, Isabel de Aragão e S. Francisco de Paula²¹.

Em suma, o P.e Américo não foi um homem de devoções exageradas, nem se deixou fascinar pelos êxtases dos místicos da história da espiritualidade cristã. Na verdade, ele vive no seu tempo, mas não foi um homem desse tempo. Herdou uma espiritualidade cujas vertentes assentavam num exagerado devocionismo, que respeitou, mas seguiu outro caminho. Afasta-se desse devocionismo desencarnado e individualista e vive radicalmente o Evangelho. Essa radicalidade faz dele um sacerdote diferente, não alinhado com a mediocridade e comodismo de certos padres nas paróquias. Vive uma radicalidade evangélica, uma caridade social actuante e, por isso, admitimos que foi um místico da caridade sendo venerado pelos 'gaiatos' e pelo povo como santo ('vox populi').

¹⁶ P.e Américo (1977), *Doutrina*, 2.º Vol. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, p. 74 ss.

¹⁷ P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., 91, 109, 127; *Idem* (1983), *Obra da Rua*, (3.ª ed.), Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, p.168;

¹⁸ P.e Américo, *De como eu fui...*, op. cit., pp. 74, 234.

¹⁹ P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., p. 133; 3.º Vol. (3.ª ed.), op. cit., p. 29; *Idem* (1985), *Isto é a Casa do Gaiato*, 1.º Vol. (3.ª ed.). Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, p. 88.

²⁰ P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., p. 236.

²¹ *Idem*, pp. 224, 227 e 295.

1.2. Influxos espirituais e sociais

O fundador da Obra da Rua não foi um leitor assíduo; pelo contrário, lia pouco, em parte devido ao seu carácter intuitivo, observador e interventor. Sabemos que durante a estadia africana tinha perdido alguns hábitos de leitura herdados do pai. Mais tarde, os anos passados no Convento de Vilarinho da Ramalhosa e no Seminário de Coimbra, devido às leituras que teve que fazer deviam ter sido penosos. Na verdade, P.e Américo estava mais à vontade a reflectir o que via do que a assimilar as teorias dos manuais de estudo. Ele próprio se confessa anos mais tarde: “*Eu escrevo de cor. Nunca li, nem quero ler, tratados de doutrina social; antes quero dizer ao mundo de hoje como dizia o Apóstolo aos do seu tempo: -Aquilo que vos ensino aprendi de Jesus Cristo.*”²².

A sua doutrina segura era a acção prática de auxiliar os mais pobres e excluídos. Com eles, e na realidade em que esses seres humanos viviam, aprendeu a elaborar o seu ideário filosófico-teológico e sociopedagógico. Ele foi um homem de um único livro: o Evangelho. Nele encontrou as orientações necessárias para agir. Mas, apesar de reiteradas vezes afirmar não ler muito, sabemos, porém, que algumas leituras o influenciaram.

O P.e Américo absorveu das leituras, das amizades que teve (confidentes espirituais e amigos) e do meio em que se moveu, três grandes influxos ou paixões: a ‘*paixão de Deus*’, proveniente do Evangelho, a ‘*paixão da pobreza*’, da sua predilecção franciscana e pelo social (realidade dos pobres e dos abandonados), e a ‘*paixão da beleza*’ (pela natureza, pela beleza humana e os valores morais – axiologia).

Analisemos um pouco quais eram essas leituras que tanto entusiasmaram o P.e Américo, vendo-se ele próprio na vida de muitos desses místicos, associados aos influxos espirituais que recebeu de alguns amigos eclesíasticos que o apoiaram ao longo da sua Obra e do próprio povo. De todos aprendeu a aumentar a sua espiritualidade e a ter uma acção social e educativa mais operante sobre muitos problemas que se relacionavam com o Património dos Pobres e com as Casas do Gaiato na recuperação e formação dos ‘gaiatos’.

1.2.1. As biografias de autores religiosos

Desde jovem que o P.e Américo se impressionava pelas leituras místicas, pela vida dos santos, pelas obras sociais e educativas de teor religioso, pela moralidade e pela cultura popular portuguesa. Aprofundou as obras de S. Francisco de Assis, o ‘*apóstolo do amor e da vida*’, principalmente no Convento de Tuy, além de outras leituras franciscanas, como por exemplo, Duns Scoto, Frei Francisco de Santo Agostinho Macedo, etc.

Se é certo que as obras *Luz e Calor* e *Nova Floresta* do P.e Manuel Bernardes não parecem tê-lo marcado espiritualmente, o mesmo não se poderá dizer de outros autores espirituais como as leituras ou biografias de Santo António de Lisboa, S. Agostinho, S. Anselmo e S. Boaventura, Santa Teresa de Jesus, Frei Bartolomeu dos Mártires, S. Vicente de Paulo, S. Francisco Xavier, S. Inácio de Loyola, P.e Damião, o ‘apóstolo dos leprosos’, S. Francisco de Paula, S. Francisco de Sales, Abbé Pierre, etc., e, principalmente, as obras de Frei Bernardo de Vasconcelos²³ e os ‘*Sermões*’ do P.e António Vieira²⁴.

Não foram só as biografias de autores católicos que o influenciaram. Meditava sobre a vida de outras figuras espirituais protestantes que tiveram um labor assistencial e social de entrega e dedicação aos seres mais necessitados. Leu frequentemente a biografia de Florence Nightingale, admirando o exemplo desta mulher inglesa de finais do século XIX, enfermeira de profissão, que realizou um serviço social de grande dimensão na época²⁵. Fez algumas leituras pedagógicas (ou da imprensa da época), por exemplo do P.e António de Oliveira, Serras e Silva, A. Sérgio, Alves dos Santos, A. Messer, S. João Bosco²⁶, etc.

Na verdade a sua filosofia do amor e da vida apresenta uma visão cristã do mundo, inspirada naquelas leituras e nos retiros espirituais que realizou durante o período de seminarista, ou após a sua ordenação sacerdotal. Os ‘retiros’ tinham um conteúdo espiritual, moral e social (ou socioeducativo), com uma metodologia sociopedagógica e/ou psicopedagógica (actividades, diálogo, meditação, participação) frutífera para a sua intervenção sócio-educativa. Visavam a forma de actuar do sacerdote e a sua formação teológica para a acção pastoral, o modo de educar os jovens, a relação com a comunidade cristã e com os mais pobres, etc., constituindo o centro de interesse no esforço de adaptação do seminarista ao sacerdócio.

Aqueles exercícios espirituais, realizados durante o período do Seminário, permitiram ao P.e Américo um aperfeiçoamento espiritual, aprofundado nas

²³ Referimo-nos principalmente à obra *Cântico de Amor*, Singeverga, Edições Ora & Labora, 1932. Este livro serviu de leitura espiritual ao P.e Américo, tendo conhecido na sua época de seminarista em Coimbra aquele poeta. Chega a enviar o livro *Cântico de Amor* à amiga M.ª José Neves Correia, recomendando-lhe a sua leitura atenta.

²⁴ P.e Américo, *De como eu fui*, op. cit., p. 154.

²⁵ P.e Américo, *O Barredo*, (2.ª ed.), op. cit., p. 213.

²⁶ P.e Américo, *De como eu fui...*, op. cit., p. 9, 59; *Idem*, *Pão dos Pobres*, 4.º vol., op. cit. pp. 167 ss. É curioso referir que ambos, S. João Bosco e P.e Américo, ao longo da vida, ergueram-se contra os ricos. Foi comum aos dois apostolados a convicção de que o melhor apoio assistencial e caritativo é aquele que mais rapidamente se torna dispensável. Ambos criaram oficinas, escolas, e encaminharam os rapazes mais dotados para uma formação profissional, além de uma formação pessoal e social para a vida. Com tal procedimento ajudaram a tornarem-se profissionais competentes, cidadãos úteis, pais de família e cristãos activos e esclarecidos. Cfr. M. Alpiarça: ‘A propósito de dois Centenários – nascimento do P.e Américo e a morte de S. João Bosco’, *A Voz da Verdade*, Ano 56, n.º 2893 (22 de Novembro, 1987), pp. 1-2.

deslocações (no Verão) a algumas paróquias ou mosteiros (Mosteiro do Lorvão em 1928, Convento do Santo Ermo do Buçaco, etc.). São significativos na sua acção social, pelo seu grande valor moral e socioeducativo, os retiros na Colónia de Férias de Buarcos, em 1927-1928, onde orientou e ministrou a catequese a crianças de ambos sexos²⁷. De todos esses retiros, aqueles que mais influência tiveram no seu pensamento foram os realizados com o Padre Matéo-Crawley, em Fevereiro de 1928, onde este sacerdote falou do 'amor', da 'misericórdia', da 'família', da 'glória do Coração de Jesus' e dos valores humanos.

Além daquelas leituras e experiências espirituais, há quatro fontes onde bebeu a sua espiritualidade para a oração e para a acção social e educativa: o Evangelho — Novo Testamento, a natureza (fascinação pela paisagem e pelo meio-ambiente natural), a liturgia e o campo de realidade dos pobres, doentes e abandonados. O Evangelho foi o seu guia. Nos seus escritos são inúmeras as passagens da Bíblia, o que revela um grande conhecimento e familiaridade com o seu conteúdo. Parte do sucesso da Obra da Rua radica na vivência dos preceitos evangélicos²⁸. Com ele redescobre a espiritualidade contemporânea para agir (actuar na prática) e orar, para meditar e dialogar.

Não nos esqueçamos de que o P.e Américo era dotado de uma sensibilidade apurada, sentindo-se deslumbrado pela natureza humana (personalismo humanista) e pela natureza física envolvente (pestalozziano), considerando-as um tónico espiritual de grande importância para a recuperação dos rapazes da rua. Em relação à liturgia, não só lhe serve como 'encontro' (com o Cristo do Evangelho, com os pobres, os doentes, os abandonados e com o povo em geral), como 'acção de graças' (oração) e meditação (junto ao sacrário), como também como forma de comunicar aos leitores das suas crónicas jornalísticas esses preceitos litúrgicos ou evangélicos.

A realidade existencial dos pobres e dos abandonados são outra fonte onde lê o sofrimento, a miséria moral e material e a marginalização desses seres humanos. Uma vez escreveu que "A Miséria tem pontos sublimes..."²⁹. Esta expressão era o resultado do conhecimento real da vida do pobre, da sua própria experiência e do seu entroncamento com a miséria humana, estados limites de sobrevivência ou existência. É a miséria e a precariedade humana que vai fazer dele um 'revolucionário pacífico', um 'incendiário' de consciências a bem da justiça social. Este foi o sentido do seu 'apostolado social e educativo'.

Por outro lado, não sabemos nada do teor das homilias (sermões) do P.e Américo, desde o púlpito ou em cerimónias públicas. Estamos convictos

²⁷ Frei Junípero, 'A catequese na Colónia de Férias', *Lume Novo* (Seminário de Coimbra), n.º 4 (1927), pp. 11-19; *Idem*, 'Pérolas', *Lume Novo*, n.º 4 (1927), pp. 27-35.

²⁸ P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., 223; *Ibid.*, *Doutrina*, 2.º Vol., op. cit., p. 197

²⁹ P.e Américo (1986); *Notas da Quinzena*. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, pp. 299-300.

que muitas daquelas leituras espirituais e as suas experiências de vida nos tugúrios lhe serviram de 'sumo argumental', ao abordar as questões sociais e assistenciais dos pobres, das crianças e dos que sofriam: É verdade que fazia poucas 'pregações'; e quando as fazia era com o intuito de angariar donativos para a Obra da Rua.

Em suma, os textos que o P.e Américo lia eram essencialmente as biografias de religiosos que, como ele, se dedicaram aos pobres e aos necessitados; aprendendo nelas essas atitudes espirituais que o caracterizaram nas acções assistenciais e sócio-educativas. A profundidade do encontro oracional dependeu, em grande parte, da sua disponibilidade interior. Consciente dessa realidade, procurou criar à sua volta um espaço (silêncio, meditação), para poder dialogar com Deus. Muitos dos 'Mestres da oração' e da espiritualidade valearam-se dos livros místicos e da biografia de muitos Santos para chegarem a essa disponibilidade interior e exterior.

1.2.2. A predilecção franciscana

É evidente que o P.e Américo nutre pelo Santo de Assis uma certa paixão. Não sabemos se essa influência se deve à herança da casa paterna (no Norte, os franciscanos tiveram um certo dinamismo social), se ao Prelado D. Rafael da Assunção, com os seus profícuos colóquios em África (desde 1922) ou à sua permanência no Convento franciscano em Tuy (1923-25). Não temos dúvidas de que o 'Poverello' exerceu um extraordinário influxo interior e no modo de ser e actuar. O poema *Canto do Sol* do 'Poverello', que tantas vezes leu naquele Convento, alerta-o para a existência humana e desenvolve-lhe um impressionismo sensualista pelos pobres e pelos que sofrem, que nele já existia tenuemente³⁰.

Há no P.e Américo esse desejo quase inato de franciscanismo activo: "*Sinto desejos de ser Francisco de Assis para abraçar este espaço imenso de luz e de vida, desprendido, como o Pobre, de tudo quanto possa ligar a gente às ninharias do mundo*"³¹.

D. Francisco Rafael da Assunção (Bispo titular de Augusta-Limira e Prelado de Moçambique) foi uma das figuras religiosas que mais impeliram o P.e Américo para a vida sacerdotal desde o seu primeiro encontro (1914) em Moçambique, prosseguindo depois em Portugal, orientando-o nesse espírito franciscano. Ele marcou o espírito do P.e Américo e naturalmente fez criar nele a inclinação para um naturalismo franciscano que sempre praticou.

³⁰ O Santo de Assis no Capítulo I da sua *Segunda Regra* afirmava que a regra e a vida dos 'irmãos menores' era o Evangelho de Cristo, vivido em obediência. Ela foi o guia orientador da forma de vida e da reconversão do P.e Américo, plasmando-a no seu projecto de vida em prol dos seres humanos necessitados.

³¹ P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., p. 62.

O fundador da Obra da Rua faz da 'pobreza' a sua dama, pois como "Francisco de Assis deixou fora tudo quanto tinha e depois começou a construir. É do Evangelho"³². O carisma franciscano que possuía encontrou-o na observância do Evangelho, segundo a forma de vida proposta por aquele santo italiano e que o P.e Américo praticou na sua forma de ser e estar no mundo. A dinâmica desse carisma está plasmada na dimensão profética e eclesial do 'Poverello' e da sua Regra, reivindicando o profetismo na vida eclesial. Se é impossível a dissociação de Evangelho e Igreja, igualmente o seria entre o profetismo e a obediência (à hierarquia). Deste modo, no sentido do franciscanismo, profeta era aquele que contesta a Igreja, mas fica ao lado dela, fazendo deste 'permanecer unido' a parte essencial da sua fidelidade, tal como o P.e Américo o expressou nas suas acções aos seus superiores eclesiásticos.

Detectamos que existe o sentido da eclesialidade. Ele nada fazia que não estivesse de acordo com a Igreja. Mas ao contrário de muitos sacerdotes, o seu franciscanismo implica nele uma potência de serviço: uma vontade pobre, fraterna, cortês e fiel à Igreja. Este seu estar com a Igreja foi aceitar as suas opções, mostrando a cada momento a sua preferência pelos pobres, necessitados e abandonados. Alicerçada no seio do povo, a Igreja devia associar-se ao seu caminhar (através da pastoral social, da caridade social, do humanismo social), lutando pela justiça, pela solidariedade, pela fraternidade e por relações mais simétricas e menos injustas.

Efectivamente, a marca franciscana apresenta-se em alguns traços da personalidade do P.e Américo: na humildade, na simpatia, na sensibilidade, no amor, na caridade evangélica e na amorosa intimidade (com Jesus, com os pobres e as crianças abandonadas), pela oração, revelando-lhe as incessantes e inumeráveis facetas. Cada etapa da sua vida corresponde a uma 'urgência sentida'³³. No fundo, aprendeu a sentir e a desenvolver a facilidade da observância, a alegria íntima dessa observância, a bondade e a condescendência paternal pelos garotos da rua e pelos pobres, a prontidão em atender as carências dos necessitados e excluídos. Foi devido a esse espírito franciscano que nele se gerou uma filosofia de vida e uma teologia da esperança, na base do amor e da caridade social pelos outros seres humanos desamparados.

Não é difícil encontrar essa chancela de naturalismo franciscano nas suas pisadas. Está presente na forma de despertar as consciências adormecidas de crentes e não crentes. E à maneira de S. Francisco e de S. Vicente de Paulo viveu animado pelo sopro dos 'Profetas', tendo na força das suas palavras as labaredas de fogo para os incrédulos da sua Obra. Escutou o pobre que se

³² P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., pp. 23, 91, 103, 224 e 279.

³³ D. M. Almeida Trindade e D. Gabriel de Sousa (1991), 'O Padre Américo dos gaiatos', in *Figuras Notáveis da Igreja de Coimbra*. Coimbra Gráfica de Coimbra, 151ss; P.e Américo: *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., 19 e 103.

lastimava da sua situação, o garoto da rua que, na sua simplicidade, vinha mostrar-lhe as coisas belas da natureza, viu o doente em sofrimento e o desempregado em desespero. De facto, a oração, o amor e o trabalho foram o lema da Obra da Rua.

1.2.3. As relações com os confidentes espirituais

P.e Américo teve uma projecção popular invulgar na sua época, pela sua maneira de ser e agir como padre, como educador e pelo tipo de realizações que empreendeu. Sabemos que ele não era muito dado a desenvolver laços de amizade, pois o seu trabalho assistencial caritativo, socioeducativo e a sua Obra absorviam-no totalmente e, além disso, preferia estar com o povo, o povo pobre, sofredor, e as crianças vadias e abandonadas. Contudo, manteve com algumas figuras, quer da Igreja, quer da sociedade portuguesa, uma relação de amizade, que perdurou com profundo apreço e admiração.

Desde o início das suas acções assistenciais e socioeducativas em Coimbra, o P.e Américo estabeleceu muitos laços de amizade com várias pessoas de prestígio social, universitário, político e cultural da época³⁴. Visitava a 'Casa dos Pobres' (criada em 1935) em Coimbra, dirigida pelo Capitão Rafael Sérgio e o Dr. Fernandes Martins³⁵; e conheceu muitas religiosas de várias congregações que tinham instituições de assistência e educação, como por exemplo, as Irmãs do Bom Pastor, benfeitoras como a carmelita D.ª Leite e D.ª Júlia M.ª Barata de Tovar, entre outras, etc.³⁶.

No Porto os contactos e as amizades do P.e Américo com os vários quadrantes sociais passam a ser mais intensos a partir de 1943, quando cria a *Aldeia dos Rapazes* em Paço de Sousa. Manteve uma boa relação de amizade com muitas figuras nortenhas dos vários quadrantes sociais, culturais e políticos³⁷, destacando-se entre muitas outras as do Dr. Leonardo Augusto Coimbra

³⁴ Por exemplo, com alguns professores da Universidade de Coimbra (Miranda Barbosa, A. Garcia Ribeiro de Vasconcelos, Joaquim de Carvalho, Serras e Silva, etc.), com o franciscano Prof. Dr. Leonardo de Castro (1887-1941), com os directores do jornal 'Correio de Coimbra', com Dr. Herculano de Carvalho e Dr. Amorim Girão, com os responsáveis do CADC - Centro Académico de Democracia Cristã, com a União Noelista Portuguesa (Revista 'Natal'), com o Dr. F. Bissaia Barreto e a sua obra de assistência infantil, com o Presidente da Câmara de Coimbra, Ferrand Pimentel de Almeida, com o Presidente dos Serviços Municipalizados de Coimbra Dr. Acácio Ribeiro, com o Dr. António e Agostinho Vaz Pato e esposa, Professor Elísio de Moura, etc.

³⁵ P.e Américo, *Doutrina*, 3.º Vol., op. cit., pp. 59-62.

³⁶ P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., pp. 35 e 210.

³⁷ Estabeleceu relações de amizade, entre outras, com: o Dr. Domingos Braga da Cruz (Governador Civil do Porto), com o Dr. Agostinho Veloso de Azevedo Campos (jurista, jornalista e pedagogo), com o Comandante da Polícia de Segurança Pública Santos Júnior, com o deputado Russel de Sousa, com o Presidente da Câmara do Porto Engenheiro Machado Vaz, Coronel Aníbal

Filho, que teve a mesma paixão franciscana pela protecção das crianças abandonadas, e a do Fotógrafo 'Antony' Guimarães de Penafiel³⁸. Teve por parte dos edis camarários, das autoridades civis e do povo anónimo em geral, bastante ajuda na sua caminhada em prol dos pobres (principalmente no 'Património dos Pobres', na construção de moradias no 'Barredo' e 'Miragaia') e das crianças da rua (Casas e Lares do Gaiato).

Da análise aos seus escritos e às várias fontes documentais e do contacto pessoal com alguns companheiros ou amigos que conviveram com ele, podemos afirmar que P.e Américo recebeu do meio em que convivia alguns influxos (filosófico-teológicos, sociais e pedagógicos), úteis para a idealização e a realização prática da sua Obra da Rua.

É difícil fazer uma listagem dessas individualidades com as quais ele estabeleceu amizades ou confidencialidades. Não nos esquecemos que devido à sua maneira de ser o P.e Américo age numa tripla vertente: a da meditação (oração, intimidade, silêncio e reflexão) e a do 'encontro' (as relações pessoais, a convivência, a observância da realidade que está à sua volta, o contacto com a cultura da pobreza e com a 'rua', com Deus e com os pobres, etc.) e a da acção ou intervenção com os colectivos necessitados, excluídos ou abandonados.

Por outro lado, não foi muito de andar a consultar os seus Prelados, mas isso não impediu que os respeitasse e manifestasse obediência hierárquica. Consultava-os quando era necessário sobre questões da sua Obra. Entre ele e os Prelados (principalmente os de Coimbra e Porto) houve uma admiração mútua, talvez mais pela parte destes ao conhecerem a grande espiritualidade activa e actuante que ele demonstrava no que fazia.

Em seguida, mencionamos alguns desses Prelados e amigos confidentes, mais destacáveis, com os quais estabeleceu uma íntima amizade.

(A.) – O diálogo íntimo com algumas figuras

Nem sempre são os familiares quem mais sabem da vida dos seus membros. O mesmo se passa com o P.e Américo. Os seus confidentes ou confesores, ao longo da sua vida, foram os seus amigos íntimos, com os quais travou uma profunda amizade e com eles desenvolveu a sua espiritualidade. Na sua

Bessa (Comandante da Região Militar do Norte), Comandante João Pais, Coronel Serafim de Moraes, o Dr. Manuel Cruz Malpique, o anticlerical Dr. Napoleão Teles e Castro (pediatra), etc.

³⁸ Este fotógrafo, António Guimarães – 'Antony' –, acompanhou o P.e Américo em muitos momentos da sua obra (no norte) e em algumas viagens, principalmente na entrega ou construção de moradias do *Património dos Pobres*, como a inauguração da 'Aldeia de Paço de Sousa'. Fotografou muitos desses momentos inesquecíveis, que hoje constituem um grande espólio documental. Tivemos a ocasião de entrevistar por várias vezes o seu filho em Penafiel, continuador do negócio fotográfico do pai, que nos confirmou essa amizade entre ambos e a existência de um espólio de cerca de três mil negativos.

maioria foram eclesiásticos, pois foram eles que o acompanharam no seu apostolado social e lhe transmitiram o seu apoio espiritual. Expomos aqueles que mais puderam influenciar o modo de pensar e agir do P.e Américo, mesmo cometendo o erro de que muitos outros também serviram de abertura à manifestação das suas qualidades humanas.

Um dos confidentes mais íntimos foi D. Rafael da Assunção, que lhe incutiu o sentir franciscano nos tempos de África, orientou-o espiritualmente para o sacerdócio e foi acompanhando a sua Obra com assiduidade. Manteve com ele larga correspondência, tornando-se um conhecedor da odisséia da sua vida³⁹.

Segue-se-lhe nessas amizades íntimas e confidenciais o seu irmão Padre José Monteiro de Aguiar, que foi o confidente familiar que mais o ajudou a encaminhar-se na vida sacerdotal e na criação da Obra da Rua⁴⁰. O P.e Américo passava muitos momentos, antes e durante o período de seminarista, na casa do irmão, perto de Penafiel, que era um lugar de permanência de figuras de relevância social e do domínio das ciências e das letras⁴¹.

Outro confidente, companheiro de escola e amigo, foi o P.e Dr. Avelino Soares (Pároco de Penafiel)⁴². Com ele conversava intimamente durante as suas

³⁹ D. Rafael narrou em *O Gaiato* muitos retalhos da vida do Américo da época africana, dos seus encontros em Moçambique, o modo como entrou no Convento de Tuy, a ida para o Seminário de Coimbra, o seu franciscanismo e outros episódios posteriores, alguns por nós já referidos. Cfr. D. Rafael, Bispo de Limira, «*Facetas de uma vida*», in *O Gaiato*, Ano XIII, n.º 331 (10 de Novembro, 1956), pp. 1 e 2, n.º 332 (24 de Novembro, 1956), pp. 1 e 2, n.º 333 (8 de Dezembro, 1956), pp. 1 e 2; P.e Avelino Soares, «*Facetas de uma Vida – Os desígnios de Deus e os vaticínios dos homens*», *O Gaiato*, Ano XIII, n.º 327 (15 de Setembro, 1956), pp. 1 e 2.

⁴⁰ O P.e José Monteiro de Aguiar (1874-1947) foi missionário na Índia e pároco de S. Miguel de Paredes (Penafiel), tendo sido um autorizado arqueólogo, historiador e etnógrafo, possuidor de um valioso espólio científico e, ainda, foi professor no Seminário das Missões em Cucujães (1927-1931). Ajudou muito o P.e Américo, ao ponto que o produto da venda do opúsculo *A Terra de Penafiel* (editada com 160 páginas pela Tipografia da Casa Nuno Álvares do Porto, em 1943) reverteu para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Escreveu um apêndice com o título *Paço de Sousa* no livro *Obra da Rua* do P.e Américo (datado de 1946 e só vem na 2.ª edição). Cfr. D. Gabriel de Sousa: '(...) Aqueles que por Obras valerosas se vão da lei da morte libertando', *Mensageiro de S. Bento* (Porto), Ano XVII, n.º 1 (Janeiro, 1948), pp. 6-9, e em *Boletim de Cultura da Câmara Municipal* (Penafiel), n.º 1 (1972), pp. 55-58.

⁴¹ Na casa do irmão, conheceu muitas personalidades intelectuais da época, por exemplo, Prof. Dr. Mendes Correia, Prof. da Academia de Ciências Lacerda Machado, Prof. Dr. Paulo Mereia, Prof. Dr. Damião Peres (Cfr. P.e Américo, *Doutrina*, 3.º Vol., op. cit., p. 149), Prof. Santos Júnior, o arqueólogo Eng.º Rui de Serpa Pinto, D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, Serras e Silva, etc. Por lá também passou Monsenhor M. Trindade Saiguelheiro na sua companhia.

⁴² O P.e Avelino de Sousa Soares, nascido a 12/10/1887 em Galegos, era filho de António de Sousa (lavrador) e Ana Soares (lavradeira), de família humilde, tendo sido baptizado, tal como o P.e Américo, pelo Abade António da Rocha Reis e tendo sido sua madrinha Carolina de Sousa. Por influência do Bispo do Porto, D. António Barroso, vai para o Seminário do Porto, onde se ordena, dedica-se ao ensino particular (Colégio Almeida Garrett do Porto) e doutorou-se no Instituto Católico de Paris, tendo sido discípulo do Cardeal Mercier. Homem de cultura invulgar,

estadias na sua terra natal, proveniente de África. Trata-se de um dos amigos que compreendia o seu modo de ser e de ver a vida nessa época, pois ele também foi designado por 'apóstolo da caridade'. Foi a ele que confidenciou em 1923 a sua decisão de entrar na vida religiosa (Convento de Vilarinho da Ramalhosa-Tuy). Mantiveram ambos alguns contactos no período de formação sacerdotal no Seminário. O P.e Avelino conheceu o seu apostolado em Coimbra e a sua Obra, manifestando grande admiração pelo 'amigo'. Ajudou-o na expansão da Obra, em algumas situações de desavenças com o clero junto do Bispo do Porto e fez parte da Comissão, nomeada pelo Bispo D. António Ferreira Gomes, para a Obra da Rua.

Outra das amizades vivida com intensidade foi com o seu primo beneditino D. Gabriel de Sousa. O P.e Américo, em tom divertido e irónico costumava referir-se a ele "Tu não és da nossa família. Se fosses, gaguejavas como eu"⁴³. Este abade de Singeverga visitava frequentemente o P.e Américo e acompanhou de perto toda a génese da Obra da Rua, de tal modo que a ele se deve todo o seu processo de canonização, que aguarda a decisão de Roma sobre a 'beatificação do P.e Américo'.

Outro confidente espiritual foi Monsenhor Dr. A. Moreira da Rocha, conterrâneo de Penafiel que, desde a sua infância, conheceu o jovem Américo. Os contactos com o P.e Américo intensificam-se a partir do Verão de 1925, antes dele entrar no Seminário, e continuaram epistolarmente ao longo da sua vida, mais intensos no período de 1925-1929. Manteve alguma correspondência com ele desde Coimbra, na qual o P.e Américo manifestava um teor acentuadamente

interessou-se pela pobreza e pelos desprotegidos. Este 'apóstolo da caridade' criou em Penafiel o 1.º Curso de Alfabetização para Adultos, a Cantina Escolar de Rans, fundou o Patronato para rapazes e raparigas pobres, a Mútua Indemnizadora dos Lavradores do Concelho de Penafiel e, foi ainda benemérito de várias associações de solidariedade social e membro da Comissão Concelhia da União Nacional (afecta ao regime salazarista), tal como outros ilustres de Penafiel (Zeferino de Oliveira, Prof. Luis Carlos de Chatillon da Rocha, Beça Simão R. Ferreira). Consultar a correspondência e encontros (incluindo o período de seminarista) do P.e Avelino Soares: 'Facetas duma Vida', *O Gaiato*, Ano XIII, n.º 336 (19 de Janeiro, 1957), p. 1; Ano XIV, n.º 340 (16 de Março, 1957), pp. 1 e 4, n.º 341 (30 de Março, 1957), pp. 1 e 4, e n.º 342 (13 de Abril, 1957), pp. 1 e 2.

⁴³ D. Gabriel de Sousa, «Padre Américo — O Homem e o Padre — O Santo e a Obra», in *Boletim Municipal de Cultura* (Penafiel), 2.ª Série, n.º 3 (1982), p. 35. D. Gabriel foi abade do Mosteiro de Singeverga e director de 'O Mensageiro de S. Bento' e iniciador do seu processo de canonização. De facto, o P.e Américo em público não gaguejava, mas na conversa familiar tinha o encantador defeito de arrastar um tanto a locução. Tivemos a oportunidade de falarmos pessoalmente com D. Gabriel de Sousa, que nos relatou alguns dos seus encontros e confidências com o nosso 'pedagogo social', desde os dias da meninice e mocidade, designando-o por 'Doutor amoris causa' pelo que ele ensinou 'ex-cathedra' da sua vida na cruzada de bem-fazer. Cfr. Monachus [Gabriel de Sousa], «Doutor 'amoris causa'», *Mensageiro de S. Bento*, Ano XVII, n.º 4 (Abril, 1948), p. 73-75; *Idem*, «Facetas de uma vida», *O Gaiato*, Ano XIV, n.º 339 (2 de Março, 1957), p. 1-3.

místico para com o amigo: Moreira da Rocha assistiu à sua ordenação juntamente com o P.e José de Aguiar, e já como estudante da Universidade de Coimbra, presenciou muito de perto o fecundo labor do seu apostolado da 'Sopa dos Pobres', visitou-o na Colónia de Férias dos Garotos da Baixa de Coimbra, em S. Pedro de Alva (1936), conheceu as suas Casas do Gaiato, principalmente a de Paço de Sousa, etc.⁴⁴

Outro amigo confidente foi Simão Correia Neves e respectiva família, à qual já aludimos várias vezes, e cuja correspondência mantida entre ambos revela uma íntima e fraterna amizade com o P.e Américo⁴⁵.

Outra família nortenha amiga da Obra foi a dos irmãos Alves da Cunha, do Porto (Manuel, Carlos e Augusto Alves da Cunha). Esta família, proprietária do estabelecimento *Espelho da Moda* (lugar de depósito de donativos para a Obra, tal como no jornal *A Ordem*), constituiu um dos seus melhores colaboradores na angariação de donativos e na expansão da Obra da Rua. Com eles manteve uma relação íntima e assídua, após a criação da *Aldeia de Paço de Sousa* e sempre que se deslocava ao Porto⁴⁶.

Um outro confidente espiritual foi o antigo Bispo de Aveiro, Monsenhor Manuel d'Almeida Trindade, amizade que remontava aos tempos do Seminário de Coimbra⁴⁷. Citemos um desses momentos de admiração de D. Almeida Trin-

⁴⁴ O Reverendo A. Moreira da Rocha manteve, no período em que estudou em Coimbra a partir de 1934/5, correspondência com o Padre José de Aguiar, em que este lhe solicitava alguns dados históricos ou arqueológicos, e pelas quais o P.e José ia, também, conhecendo a acção social realizada pelo irmão (Moreira da Rocha (1972), «Dois Eclesiásticos», in *Boletim da Cultura da Câmara Municipal de Penafiel*, n.º 1, pp. 40 ss).

⁴⁵ A *Correspondência* — 71 Cartas estão organizadas numa colecção por nós numeradas cronologicamente (algumas não possuem data), que expressam desde 1914 a 1951 toda a amizade entre ele e o seu amigo.

⁴⁶ A *Correspondência* — 55 Cartas dos Irmãos Cunha, escritas pelo P.e Américo desde 1942 a 1955, fundamentalmente desde Paço de Sousa; e a *Correspondência*, 5 Cartas dirigidas pelo P.e Américo a M.ª José Silva, e duas desta ao fundador da Obra da Rua, datadas entre 195 a 1954, respectivamente desde Paço de Sousa e do Porto. Trata-se de questões relacionadas com a Obra, fazendo parte da Comissão do Bispado para a Obra da Rua, etc. A empregada desse estabelecimento, D. M.ª José Silva, resolvia muitas questões burocráticas sobre assistência ou entrega de apoios materiais às famílias e aos pobres, indicados pelo P.e Américo.

⁴⁷ No Seminário de Coimbra, o P. Américo foi seu professor de Português no 1.º ano (1930), e padrinho de Crisma, num ambiente em que também se destacavam o P.e Abel Matias Condesso, P.e Manuel Antunes e P.e A. Antunes da Cruz Gomes (Trindade, 1993: 44ss). Foi Reitor do Seminário, professor de renome nessa instituição religiosa como na Universidade de Coimbra — Faculdade de Letras; ajudou então as *Criaditas dos Pobres* na sua acção social. Mais tarde, em Aveiro D. Manuel Trindade relacionou-se com o Prof. Dr. João Evangelista Loureiro, ambos conhecedores da Obra do P.e Américo. O Bispo, conhecendo-o em vida, acompanhou de perto o seu apostolado e escreveu dados biográficos da sua vida. O Prof. Evangelista Loureiro, após a morte do P.e Américo, analisou o seu pensamento pedagógico, iniciado com estudos na década de 60 quando era professor em Moçambique. Ambos são duas exímias referências, o

dade pelo fundador da Obra da Rua, num dos muitos encontros espirituais tidos entre ambos, no ano de 1945:

"(...) No dia da conversão de S. Paulo, o Padre Américo apareceu, inesperadamente, na sacristia da igreja do Seminário. Eu tinha acabado de celebrar e ele vinha com intenção de fazer o mesmo. Preparei as coisas, e ajudei-lhe à missa.

Depois de termos tomado o pequeno-almoço e de nos havermos despedido, regressei ao meu quarto. Ao abrir o breviário, encontrei, dentro dele, uma nota de 500 escudos (...). Escrevi-lhe uma carta a agradecer a 'gorjeta' deixada ao sacristão improvisado e a pedir-lhe licença para empregá-la na aquisição de material catequético, a fim de que os meus rapazes se fossem apaixonando por este apostolado fundamental.

Passados dias, recebi, recambiada, a minha carta. Na terceira página, que tinha ficado em branco, o Padre Américo escreveu, com letras gordas, a apanharem a página inteira, estas palavras: 'Não aprovo. Deixei a nota para teu uso pessoal. 'Quem fizer bem a um apóstolo, recebe mercê de apóstolo'! Ora aí tens a razão de tão boa gorjeta para ti'. Em baixo, à maneira de assinatura, esta simples expressão: 'O Pobre'.⁴⁸

Tivemos algumas vezes, a oportunidade no Seminário de Coimbra, de falar com D. Manuel Trindade, algumas delas na presença do P.e Nunes Pereira, que nos comentou este e outros episódios com o fundador de *O Gaiato* e da sua filosofia da caridade e do amor aos pobres. A amizade entre ambos foi mantida não só em encontros pessoais, mas também por correspondência onde desabafam as suas preocupações na época: o P.e Américo com a sua Obra da Rua e o Prelado com o Seminário de Coimbra e, depois, na Diocese de Aveiro. D. Manuel visitou várias vezes as Casas do Gaiato, onde permanecia alguns dias, apercebendo-se das acções sócio-educativas do P.e Américo com os seus 'gaiatos' e pelo *Património dos Pobres*.

Com o Reverendo Monsenhor Moreira das Neves teve a nível pessoal e por correspondência (não sabemos do paradeiro dela) uma boa amizade, já que ambos estavam preocupados com as crianças. Eis como aquele conheceu o P.e Américo:

"Encontrámo-nos a primeira vez com o Padre Américo, não sabemos em que ano, no Rossio. Estava ele, de batina e capa, parado, ao sul da grande praça lisboeta, onde havia diversas

Bispo de Aveiro em termos biográficos, o professor universitário em termos científico-pedagógicos.

⁴⁸ D. M. Almeida Trindade (1993), *Memórias de um Bispo*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, p. 84-85.

mesas de floristas (...). Ao lado, molhavam as mãos no fontanário alguns garotos vadios, de rosto esquelético e mal vestidos.

— Estava a pensar.— disse-nos ele — no destino destas flores estragadas e daqueles garotitos com cara de abandonados. Tudo mete pena. É a vida!

Convidámo-lo a almoçar connosco, no hotel de porta aberta para a Rua da Betesga. Aceitou o convite e ficou freguês, com grande gosto nosso, pois muito apreciávamos a sua conversa, sempre extraordinariamente humana e espiritual."⁴⁹

Moreira das Neves pretendeu, por alturas de 1934, criar a '*Obra do Ardina*', destinada aos 'ardinas' de Lisboa (crianças que vendiam os jornais diários pelas ruas), devido à sua inclinação pelo jornalismo e pela comunicação social, mas só em 1942 pôde ajudar a assistente social M.^a Luísa Ressano Garcia a tornar realidade o seu sonho. O P.e Américo iria manter com aquela Obra e, em especial, com a sua fundadora uma profunda amizade, já que ambos lutavam pelos mesmos fins sócio-pedagógicos e morais: recolher e dar um lar aos rapazes da 'rua' e formá-los para a vida⁵⁰.

Em suma, para além de D. Rafael da Assunção, do irmão P.e José e do P.e Dr. Avelino Soares, seus mais íntimos confidentes espirituais, e da amizade com alguns companheiros de Seminário (Padres Nunes Pereira, Raul Mira, Eugénio Martins, etc.), o P.e Américo estabeleceu muitas relações de amizade com outras figuras eclesásticas, que lhe facultaram alguma espiritualidade. Na verdade, era normal que mantivesse esses contactos devido à sua acção social e assistencial em prol dos pobres e abandonados por todo o País⁵¹.

(B.) — As relações com os seus Prelados.

Sobre as relações do P.e Américo com a hierarquia da Igreja e em especial com os Prelados das dioceses a que pertencia (Coimbra e Porto), podemos

⁴⁹ Moreira das Neves (1987), *O Padre Américo*, Porto: Edições Salesianas, p. 51.

⁵⁰ O objectivo prioritário da *Obra do Ardina* era a protecção dos 'ardinas', isto é, dos rapazes que se ocupavam da venda dos jornais, quer de manhã muito cedo, quer à tarde na cidade de Lisboa e em outras zonas do país. Esta Obra tem casas em Lisboa e em Coimbra, dando uma formação pessoal e sócio-profissional a esses garotos 'ardinas'. Além disso, Maria Luísa Ressano Garcia foi durante muito tempo articulista no jornal *O Gaiato*, antes da sua Obra criar o jornal *O Ardina* em 1947, o que mostra a amizade entre ela e o fundador da Obra da Rua.

⁵¹ Por exemplo: o P.e António de Almeida Garrido, seu confessor, o qual se deslocava periodicamente à Casa do Gaiato de Paço de Sousa para ministrar formação religiosa aos gaiatos e confessá-los; o Arcebispo de Císico, D. Manuel Ferreira da Silva (deslocava-se na Páscoa às Casas do Gaiato); o P.e Duarte (pároco do Fontelo de S. Domingos-Lamego); o P.e António Pacheco (pároco do Carvalhido); o cónego Nogueira do Barreiro e o P.e César Roque; os professores no Seminário P.e António Cruz Gomes e Cónego Tomás Fernandes Pinto, etc..

afirmar que teve deles o beneplácito e o apoio implícito ou explícito para plasmar na prática as suas ideias de criação de uma obra social e educativa⁵². De alguns desses Prelados captou a forma de ver a realidade social e humana e o incentivo para agir em prol dos pobres, numa nova pastoral social católica, não habitual na época. Essas relações foram bastante assíduas e motivadoras para aprofundar mais a sua espiritualidade activa e a fascinação pela pobreza, a miséria humana e os problemas sociais.

Ao longo dos seus vinte e cinco anos de sacerdócio, o P.e Américo teve sempre uma obediência firme aos seus Bispos. O seguinte episódio, narrado por D. Manuel de Almeida Trindade, quando este foi convidado a assistir à bênção da Capela da Casa de Paço de Sousa, cerimónia presidida por D. Agostinho de Sousa (Bispo do Porto), espelha bem a obediência à disciplina hierárquica do P.e Américo, pois ele estava inicialmente designado pelo seu Bispo para ser o orador, mas acatou posteriormente outra decisão:

“(…) Ao Evangelho, o Prelado falou: Não é orador. Quem tinha sido indicado para falar era o Padre Américo. Foi do próprio Bispo essa indicação, mas, passados dias, escreveu-lhe de novo a dizer que não, pois o Padre Américo não tinha feito exame de pregador!...”⁵³

Os Prelados com que coincidiu o seu apostolado assistencial, social e educativo, tiveram por ele uma grande admiração, não inviabilizaram as suas iniciativas, nem a expansão da Obra da Rua no âmbito da Igreja, pelo contrário alentaram as suas acções.

Houve entre esses pontífices alguns que tiveram maior significado espiritual que outros. O primeiro deles é o Bispo de Coimbra D. Manuel Luís Coelho da Silva (pontificado de 1915-1936), o qual tinha um grande apreço pelo P.e Américo, que por certo era mútuo, desde o primeiro dia que ele entrou no Seminário e que já vinha dos tempos em que o conheceu no Porto, quando empregado de comércio. Foi um Prelado muito activo, com uma expressão viva da rectidão de carácter e propulsor de muitas instituições de índole social, de tal modo que encorajou o P.e Américo nas suas acções caritativas e assistenciais. Acompanhou-o ao longo da sua formação sacerdotal, informando-se directamente ou indirectamente do decorrer da sua formação. Quando ordenado sacerdote, na impossibilidade de ser pároco de uma pequena freguesia de Coimbra, o Bispo entregou-lhe em alternativa aquilo que ele gostava de fazer: servir o pobre através da ‘Sopa dos Pobres’⁵⁴. Aí começou a nascer o fluido da sua obra assistencial e educativa.

⁵² P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 4.º Vol., op. cit., pp. 126, 279 ss.

⁵³ D. M. Almeida Trindade, *Memórias de um Bispo*, op. cit., p. 135.

⁵⁴ Este Bispo de Coimbra instituiu em 1917 a Obra de S. José para auxiliar o clero idoso e doente, deu protecção à fundação do Refúgio da Rainha Santa – Casa da Formação da Rapariga,

A D. Manuel Coelho da Silva seguiu-se o Bispo D. António Antunes, que tendo menos influência espiritual no P.e Américo, apoiou-o na criação da Obra da Rua⁵⁵, tal como o seu sucessor o Bispo D. Ernesto Sena de Oliveira, que aprovou os Estatutos do *Património dos Pobres*, incentivou-o na construção de moradias para os pobres em cada freguesia ou paróquia, e na expansão da Obra. Esta foi por D. Ernesto Sena de Oliveira objecto de bondade, cedendo vários sacerdotes (como por exemplo, o P.e Horácio) para as Casas do Gaiato e ajudando a criação do Lar do Gaiato em Coimbra⁵⁶.

Evidentemente, não foram só os Bispos, os amigos sacerdotes, os teólogos, os intelectuais e os professores universitários do ambiente coimbrão, que iam conhecendo a dimensão humana, assistencial e sócio-educativa, nas colunas do *Correio de Coimbra*, ou pelas ruas, lugares públicos e igrejas, solicitando solidariedade para a sua Obra, mas também o povo anónimo, que estabeleceu com ele e com a Obra uma empatia mútua.

Ao transferir-se para o Porto, o P.e Américo teve dos Bispos D. Augusto de Castro Meirelles (até 1942) e D. Agostinho de Jesus e Sousa (desde Maio de 1942 até 1948) abertura e apoio espiritual para desenvolver nessa região a sua obra social e educativa em prol das crianças abandonadas e pobres⁵⁷. Mas foi no início da década dos 50, com D. António Ferreira Gomes, que ele recebeu as ideias inovadoras da pastoral social e do contacto com a realidade viva da pobreza nortenha. Havia entre eles uma boa relação de amizade, expressa na obediência e no respeito mútuo⁵⁸. Aquele Prelado ajudou à difusão do *Património*

ao Patronato para auxílio dos Pobres (Sopa dos Pobres), ao Recolhimento do Paço do Conde e à Cozinha Económica (entregue às ‘*Criaditas dos Pobres*’), fundou o Escutismo (1927), o Noelismo (1925), a União Operária Católica (1925), o Jornal ‘*Correio de Coimbra*’ (1922) e o ‘*Amigo do Povo*’ (1916) e lançou as bases da Acção Católica em 1933. Atravemo-nos a dizer que dele o P.e Américo aprofundou a vertente caritativa e assistencial aos mais necessitados.

⁵⁵ D. António Antunes era já bispo auxiliar do anterior Prelado e muito conhecedor do Seminário do tempo do P.e Américo. O período do seu bispado vai de 1936-1948, coincidindo com a criação das Colónias de Campo (a Acção Católica iniciou as Colónias de Férias para estudantes da Universidade), da Obra da Rua com a criação da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo em 1940 e o Lar do ‘*Ex – Pupilo*’ em 1941-42.

⁵⁶ O seu pontificado vai de 1948 a 1967, tendo sido uma das grandes figuras da Igreja na época. Foi antigo secretário do Cardeal Cerejeira, tendo impulsionado a Acção Católica na sua diocese (apostolado laical, como por exemplo, o movimento feminino das noelistas), a criação da ‘*Casa dos Pobres*’, a ‘*Cozinha Económica*’, etc.

⁵⁷ De D. Augusto Meirelles recebeu ajuda espiritual na criação da Casa do Gaiato do Porto. O P.e Américo dedicou-lhe o nome do ‘*Bairro de Miragaia*’ (Porto), para famílias pobres. D. Agostinho de Jesus e Sousa expressou-lhe bondade e apreço para com a sua Obra, apoiando-o na sua implementação no Norte do País.

⁵⁸ Este Bispo do Porto, nomeado em 13/06/1952, foi uma personalidade de relevo na vida local e nacional, ousando afrontar publicamente Salazar. Em carta ao Presidente do Conselho (datada de 15/07/1958) formula críticas ao regime, colocando questões sobre a liberdade de acção da Igreja e dos católicos, da vida cívica e política, bem como na resolução dos problemas da

dos Pobres e à criação do *Calvário* em Beire (Paredes), pois também ele comungava com esse modo de intervenção nos problemas sociais (movimento social católico).

Não nos podemos esquecer que no Porto se concentravam as tensões de uma sociedade crescentemente polarizada entre uma 'sociedade tradicional' em degradação e uma outra que procura condições de 'modernização', particularmente ampliadas a nível local por traços de acentuada periferização socio-económica⁵⁹. As implicações sociais e políticas dessa dupla polarização não deixou indiferente o P.e Américo e o seu Prelado, apostando por uma Igreja preocupada pela crescente degradação das condições de vida social do povo. Daí que ambos coincidiam numa filosofia católica actualizada dos problemas sociais, de correcção das desigualdades sociais resultantes da excessiva acumulação da riqueza, e na construção de uma 'bem-estar comunitário', apoiando-se nos princípios progressistas da defesa dos direitos humanos e do direito dos cidadãos a condições sociais mínimas de existência.

O P.e Américo insistia que o povo sentisse a Obra como sua e, por isso, apelava à sociedade portuguesa e à nortenha, em particular, que assegurasse os recursos necessários ao seu funcionamento, expansão e consolidação.

D. António Ferreira Gomes alentou a expansão da Obra do Padre Américo após o falecimento do fundador. Este Bispo elogiou nas exéquias comemorativas dos 30 dias do seu falecimento, na Igreja da Trindade (Porto), a grandeza do seu sacerdócio e o 'apostolado social', tendo comentado no jornal *Novidades*:

"(...) O apóstolo dos tugúrios, o criador da Obra da Rua, do Património dos Pobres e do Calvário, foi grande no amor do próximo porque foi grande no amor de Deus. É das Tábuas da Lei, que não podem ser invertidas nem convertidas.

O sacerdócio foi para ele a grande opção vital, a eleição decisiva: tudo o mais, nem sequer pensado nesse momento, veio depois por acréscimo e como simples aplicação dum espírito aurido no Sacerdócio de Cristo.

*Sacerdócio vivido em aspiração, em renúncia, em heroicidade. Sacerdócio de Credo, Mandamentos e Bem-aventuranças, Sacerdócio dos conselhos evangélicos."*⁶⁰

sociedade. Esteve exilado na sequência desta posição, regressando a Portugal em 1970, no governo de Marcelo Caetano. O Bispo tinha uma diferente interpretação da intervenção dos católicos na sociedade, com um papel mais interveniente e reflexivo, e da política centralizadora que motivou a periferização sócio-económica da região Norte. Defendeu várias soluções para a resolução dos múltiplos problemas da vida social dos paroquianos.

⁵⁹ Cfr. Armando Castro, *A Economia Portuguesa do Século XX (1900-1925)*, Lisboa, Edições 70, 1979; F. Medeiros, *A sociedade e a economia portuguesa nas origens do salazarismo*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1978.

⁶⁰ Jornal *Novidades*, «Por alma do P.e Américo. Foram, ontem, celebradas exéquias no Porto (...)», *Novidades*, Ano LXXI, n.º 19955 de 18 de Agosto, 1956, p. 5.

O sacerdócio do P.e Américo foi activo, constituindo-se numa figura basilar na difusão da doutrina pastoral social da Igreja em prol dos necessitados e excluídos, tal como o seu Prelado. Após a morte trágica do fundador, o Bispo do Porto deslocou-se a Paço de Sousa empenhando-se na continuidade da Obra sob os auspícios da diocese.

Desde o período de seminarista que o P.e Américo desenvolveu amizades profundas que o acompanharam pela vida fora. No ambiente universitário coimbrão alguns teólogos faziam a transição entre a oratória do 'antigo regime' e o novo estilo. Entre eles destacamos D. Manuel Gonçalves Cerejeira (depois Cardeal de Lisboa), docente na Faculdade de Letras e uma figura de renome e prestígio nos meios académicos e sociais do País⁶¹. Era um teólogo (apologeta) na feição do seu tempo, marcado pelo primor da forma e pela sua cultura humanística, tendo uma grande influência nos universitários e nos seminaristas da época. O P.e Américo encontrou nele, já como Cardeal, o 'mentor', confessor (recorria a ele quando tinha 'dúvidas', constituindo-se num confidente espiritual) e amigo dos momentos difíceis, ajudando-o quando algum assunto 'emperrava' com dificuldades burocráticas e ministeriais. A relação entre eles foi bastante cordial e assídua. Como já referimos, este Prelado contribuiu com a cedência duma quinta para a instalação da Casa do Gaiato de Lisboa em Santo António do Tojal (Loures) em 1948⁶².

Enfim, todas estas relações de amizade permitem-nos ver a dimensão humana e espiritual e a aceitação social que tinha o fundador da Obra da Rua por todo o País, para além de uma filosofia de vida e do encontro que gerou. Dessa 'filosofia de vida', das suas acções sociais e educativas e das relações com pessoas amigas surgiram muitas ideias e novas acções que implicaram a expansão da Obra da Rua. Reiteramos a tese de que ele foi um homem do diálogo e do 'encontro' (relações e convivência) e, sobretudo, um homem do social. Por este motivo, relacionou-se com todos aqueles que voluntariamente

⁶¹ Foi membro activo do CADC – Centro Académico de Democracia Cristã, num período agitado para os cristãos, pois vivia-se num ambiente jacobino, maçónico da 1.ª República em que ser materialista e progressista era vulgar nos meios intelectuais e sociais. Destacou-se desde 1912 como director do semanário *Imparcial*, onde colaboravam entre outros Oliveira Salazar (com o pseudónimo de 'Alves da Silva'), P.e Luís Lopes de Melo, D. José de Noronha, Pacheco de Amorim, Francisco Veloso, etc.

⁶² Nos seus escritos P.e Américo refere-se ao Cardeal Cerejeira, principalmente quando alude à Casa do Gaiato de Lisboa: "(...) A visita do senhor Cardeal estava para as três da tarde e à hora Sua Eminência chegou. Pudera ter-se feito representar. Não lhe faltava quem. Mas veio Ele. Ele. Graças a Deus. Ministrou o sacramento do Crisma (...) A seguir houve a benção da casa e entronização do sagrado Coração de Jesus. Por fim, um pequenino passatempo feito com os nossos rapazes. A banda da terra fez-se ouvir. Às tantas o senhor Cardeal Cerejeira retirou-se para outras visitas." (P.e Américo, *De como eu fui*, op. cit., pp. 141, 146, 208-209; Eurico Nogueira, «Facetas de uma Vida», *O Gaiato*, Ano XIII, n.º 325 (18 de Agosto, 1956), p. 1.

contribuíam para o engrandecimento da sua Obra e amou aqueles a quem ia destinado o seu suor. Acima de tudo ele era a 'voz do povo', pois foi o povo que o conheceu melhor e o amou mais.

Por estas razões a vida do P.e Américo está toda apoiada na fé incondicional na providência divina e na humildade. Semeou a maior liberdade: a misericórdia e o amor, com o poder do coração cheio de respeito e apreço pela infinita dignidade do pobre, dos sem-abrigo e dos necessitados em geral. Para ele o amor não tinha limites. Por isso, ele cria, constrói, recolhe, recupera, alimenta, redime e salva muitos seres destinados à marginalização da sociedade. Ele foi a medicina para curar os males sociais, assistenciais e educativos desses necessitados; e, por tal, foi tão querido pelos que o rodearam e pela sociedade em geral.

3. Beber do Evangelho: fonte fundamental da espiritualidade

O Evangelho foi o fermento de toda a Obra da Rua e das acções do seu fundador. À semelhança do 'Poverello', P.e Américo desprende-se dos bens que ainda possuía para mais facilmente possuir a riqueza do Evangelho. Jamais se cansará nas crónicas jornalísticas de repetir que "a argamassa dos nossos templos é feita de Pobreza"⁶³. Preocupa-se desde o princípio em fundar uma Obra pobre, que viva do suor do rosto dos 'padres da rua'.

Neste aspecto é um inovador, já que a maior parte das instituições de assistência social e sócio-educativa enfermavam na época de uma crónica doença: o excesso de subsídios ou donativos, de burocracia, de regulamentos rígidos e autoritários (regime intimidativo e por vezes repressivo), do uso do uniforme, da presença autoritária do director e dos vigilantes, etc., que em nada contribuíam para a recuperação das crianças ou para a assistência social aos necessitados. Pior ainda, muitos desses estabelecimentos (públicos e privados) não sabiam que fazer das heranças recebidas ou testamentos legados pelos benfeitores.

O P.e Américo vê os inconvenientes da aceitação de bens de 'mão morta' em muitas instituições, se bem que ao princípio da Obra quase caiu na tentação de receber de herança uma enorme quinta ao sul do País para construir uma 'Aldeia' para rapazes da rua⁶⁴. Mas desde essa altura tomou a decisão de nem ele nem os seus sucessores tomassem quaisquer bens ou heranças testamen-

teiras. Esta atitude nasce-lhe duma leitura radical do Evangelho, o seu grande e único livro de meditação e acção. E jamais se arrependeu ao longo do seu apostolado.

O fundador de *O Gaiato* levava sempre consigo as 'Cartas' de S. Paulo na mão, lendo e meditando algumas das suas passagens e parábolas, como nos afirma nesta citação:

"Nesta hora amargurada de receios, de dúvidas, de inquietações, de incertezas, faz bem à alma da gente ouvir e ver realizado no mundo o atrevido e enérgico 'scio cui credidi et certus sum' do apóstolo S. Paulo."⁶⁵

S. Paulo de Tarso é bastante mencionado na sua obra escrita⁶⁶. Aprendeu dele a 'filosofia da acção', isto é, a '*Palavra de Deus em acção*' (1.ª Epístola aos Coríntios, 4, 16), sendo o seu lema '*fazer-se tudo para todos*'.

Menciona com frequência duas passagens do Evangelho, nas quais apoia toda a sua missão de 'apostolado social' e da expansão da Obra, imbuído nesse espírito do Evangelho e do '*Cristo Vivo*'. Trata-se das parábolas:

– O '*Sermão da Montanha*'⁶⁷. Este sermão do Evangelho expressa o sentido caritativo e o valor dos 'corações' humanos (pedagogia da caridade e do amor) em chorarem a miséria humana do próximo, de modo a terem misericórdia e caridade para os que sofrem e necessitam.

– O '*Grão de Mostarda*'⁶⁸. Aplica esta parábola ao dirigir-se aos crentes que acreditam na evolução da Obra da Rua, tal como Jesus Cristo um dia comparou o Reino de Deus, que Ele anunciava e que tornaria presente no mundo, a um grão de mostarda. Esta semente, apesar de ser a mais pequena de todas, uma vez lançada à terra, torna-se, em pouco tempo, um arbusto capaz de nele poisarem as avezinhas e aí se abrigarem. Também o P.e Américo comparou a sua Obra a uma bola de neve para os descrentes e ao '*grão de mostarda*' para os crentes.

Ambas as parábolas evangélicas reforçam a ideia do P.e Américo de que a sua Obra é o fermento e a força interior do Reino de Deus, pois este é uma realidade dinâmica. Esta comparação aplica-se ao desenvolvimento que teve gradualmente a Obra da Rua desde o 'nada'. Na verdade, os seus escritos são a realidade do Evangelho do Pobre, o divulgar das feridas da pobre Humanidade, nesse seu testemunho de Cristo. A Obra da Rua "(...) é toda e somente

⁶³ P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 4.º Vol., op. cit., p. 93.

⁶⁴ P.e Américo, 'Um Donativo', *O Gaiato*, Ano V, n.º 126 (25 de Dezembro, 1948), p. 1; *Ibid.*, *Doutrina*, 2.º Vol., op. cit., p. 210. Refere-se aos asilos e a algumas Misericórdias, como a do Porto. Por outro lado, o seu companheiro de Seminário e confidente espiritual, o P.e Eugénio Martins, persuadiu-o dos inconvenientes de tal aceitação da quinta no Alentejo (Rocha Ramos: *Padre Américo. Místico do nosso tempo*, op. cit., 48).

⁶⁵ P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., p. 105.

⁶⁶ P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., pp. 28, 286; 3.º Vol. (3.ª ed.), op. cit., pp. 29, 178; *De como eu fui...*, op. cit., pp. 50 e 143; etc.

⁶⁷ P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., p. 252.

⁶⁸ P.e Américo, *Obra da Rua*, (3.ª ed.), op. cit., pp. 186-187.

de Deus”⁶⁹, e o jornal *O Gaiato* “(...) é o meu púlpito... A nota é só uma -a paixão da Obra da Rua por amor dos que nela se abrigam”⁷⁰.

Na sua labuta diária (*via sacra*) pelo País fora, em África, no Brasil e Espanha, em prol das famílias humildes e sofredoras, nesse contacto directo com a realidade dos pobres, doentes, excluídos e abandonados, evangeliza como um apóstolo os corações do povo, apelando à solidariedade, ao amor e à caridade para com esses irmãos necessitados. Foi um semeador de sementes (dimensões da Obra da Rua), que semeava intencionalmente, silenciosamente, o ‘grão de semente do Evangelho’ nas almas, de modo a que Deus fizesse crescer em tempo oportuno.

Efectivamente, a sua filosofia de vida e de acção, baseada no Evangelho, invade todo o seu pensamento, que é simultaneamente uma filosofia do amor e da caridade social para com o pobre e a criança e uma filosofia do social destinada a procurar soluções aos problemas sociais, assistenciais e/ou educativos de muitas famílias pobres e desprotegidas.

No ‘*Lume Novo*’ do Seminário de Coimbra escreve “S.O.S. “ – ‘*save our souls*’ que por sua vez quer dizer: *salvai as nossas almas*”⁷¹, assim foi a vida deste apóstolo: salvar crianças da ‘rua’ e recuperá-las para a vida. Eis o retrato que D. Gabriel de Sousa, postulador da sua Causa de Beatificação, faz desse seu sentido evangélico:

“(...) o coração do Padre Américo era grande: Um pouco como o de Deus. Cabiam nele todas as mágoas, sem nunca desapossar do lugar cimeiro o amor. Uma vez deu-me de esmola guarida, por dois dias, ali, na casa da mata. Eu andava precisado de retiro (...) Que momentos! Que desabafos! Não sei se ele saía mais leve do peso dos seus cuidados. Eu é que ficava sempre entre confuso de mim e confortado para a vida (...) Padre Américo encarava sereno as realidades e resolvi-as; não em termos de dialéctica mas de evangelho. Era um técnico de Deus.”⁷²

Era com o Evangelho e com o amor que ele resolvia o sofrimento, as mágoas, as necessidades e as situações de miséria que encontrava.

⁶⁹ P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. (3.ª ed.), op. cit., p. 98. A ideia da Obra ser um “santuário de almas” e “cem por cento uma Obra da Igreja” (P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 4.º Vol., op. cit., pp. 102 e 279) ou do Evangelho, destinada a proclamar os Direitos da Criança e constituir a chave aos problemas sociais, será repetida várias vezes repetida pelo fundador.

⁷⁰ P.e Américo, *Obra da Rua*, (3.ª ed.), op. cit., p. 144.

⁷¹ Frei Junípero [P.e Américo], ‘S.O.S.’, *Lume Novo* (Coimbra), n.º 4 (Número Especial) (1927), pp. 22 ss.

⁷² D. Gabriel de Sousa, «Padre Américo – O Homem e o Padre – O Santo e a Obra», in *Boletim Municipal de Cultura* (Penafiel), 2.ª Série, n.º 3 (1982), p. 42.

Falámos da espiritualidade activa do P.e Américo, mas o que importa interrogar-nos é saber se ele se inseriu ou não nessa espiritualidade da primeira metade do século XX, que assentava em quatro bases primordiais: o cristocentrismo, a eclesiologia, a confiança/fé e solidariedade humana e a espiritualidade da ‘cruz’.

Da nossa análise podemos afirmar que sim. Em relação ao cristocentrismo, a espiritualidade contemporânea que ele viveu está centrada no mistério de Jesus Cristo. É evidente que esse cristocentrismo recaí num ‘Cristo Vivo’: “A amizade de Cristo é a fonte de bem (...). Por amor d’Ele toda a obra se valoriza. Só Ele é luz” que o iluminou na criação e expansão da Obra, pois “(...) temos de apresentar o Evangelho com obras, que a palavra já não basta”⁷³. Todas as suas acções sociais, assistenciais e educativas convergem para a fonte suprema: o Evangelho. A centralidade do mistério de Cristo identifica-se no P.e Américo nessa sua ‘via-sacra’ (e com a Eucaristia).

Outra tónica habitual no seu tempo era a eclesiologia. Vive e age, não para si mas para o ser humano (antropocentrismo) e para a Igreja. Esta está no seu sentir e no seu actuar. O P.e Rocha Ramos chega a afirmar que o grande êxito da Obra da Rua e do seu apostolado advém dessa bem enraizada consciência da Igreja, do seu catolicismo. Cremos que não foi só a Igreja, mas o povo e as suas carências que o fizeram reagir. O ‘social’ e o ser humano necessitado empurraram-no para uma actuação desde a doutrina social da Igreja e a realizar uma obra assistencial e sócio-educativa sustentada fundamentalmente pelo povo:

“Eu tenho para mim que a vida que vale a pena é viver totalmente para o nosso semelhante, a chorar e a rir as suas tristezas e alegrias, mais aquelas que estas (...) Ai da Obra da Rua se não fosse da Igreja! Ai de mim se eu não fosse da Igreja.”⁷⁴

Mesmo reconhecendo essa consciência de pertença à Igreja universal, entregou-se totalmente aos pobres e abandonados, numa filosofia social católica. Não nos esqueçamos que o P.e Américo no início da Obra teve alguns dissabores com alguns párcos, mas preocupa-se em estar ao serviço do ‘próximo’ com uma nova pastoral social (a acção dos apóstolos sociais em prol dos necessitados) e, neste sentido, vemos nele, como já dissemos, um precursor do Vaticano II. Encontrámos no seu pensamento essa linha mestra da eclesiologia contemporânea da inserção na Igreja diocesana e o chamamento à santidade.

Outra base da espiritualidade é a confiança, a fé e a solidariedade. O ‘confiar’ implica um sentir segurança em si mesmo, que se liga não só a uma convicção e certeza (fé, crença), mas também a um sentido de solidariedade

⁷³ P.e Américo (1967), *Ovo de Colombo*. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, p. 25-26.

⁷⁴ P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 4.º Vol., op. cit., p. 280.

(axiologia no agir). P.e Américo incute essa confiança nos pobres, nos doentes, nos necessitados e nos rapazes da rua. E por meio dela, estes seres enfrentam todas e quaisquer circunstâncias adversas e, no caso específico dos 'gaiatos', a capacidade (auto-educação) de recuperação e de formação para a vida. A oração, a caridade e as acções socioeducativas que pratica assentam na confiança versus certeza da vontade (fé) e do 'coração' (amor ao 'outro').

Foi pela confiança ilimitada em Deus, na luta pela dignidade do pobre e na solidariedade do povo, que o P.e Américo levantou a sua Obra e, com esse valor, operou a sua expansão nas diversas iniciativas que realizou⁷⁵. Nos seus escritos expressa essa inabalável confiança em Deus, mesmo nas situações mais difíceis e adversas. Nele a confiança e a humildade eram sinónimos de alegria, de esperança, de força de vontade, de entrega, de paz, de segurança e serenidade em lutar e continuar⁷⁶.

Por último, a espiritualidade da 'cruz' é a forma actuante na sua vida e no seu 'agir'. A cruz simboliza o meio de apostolado social e o caminho necessário para a glorificação. Apesar de ter acentos diferentes de época para época, a espiritualidade da cruz renasceu após as duas guerras mundiais: o voltar dos cristãos para a cruz redentora de Cristo, procurando n'Ele o refúgio e o consolo. A 'Cruz de Cristo' anda no P.e Américo unida à cruz do homem, mas do homem pobre, necessitado e abandonado. São ambas inseparáveis. Uma dá sentido à outra (união do divino, do social e humano). Essa aceitação da 'cruz', passa mais pelo amor que pelo sofrimento. Daí que o P.e Américo aceite a 'cruz' de construir a sua Obra, amando a Cristo, ao pobre e à criança da rua.

Este sentimento da cruz será um valor em si mesmo e uma condição indispensável para suportar os sofrimentos quotidianos, numa (auto)-aceitação voluntária e num total desapego para a santificação. Não é por acaso que a 'cruz' serve de emblema da Obra da Rua, pois coloca o cruzeiro no adro fronteiro às capelas das Casas do Gaiato, dando-lhes essa tônica popular de religiosidade. A 'Cruz' reflecte a sua confiança nos seus ideais e em Jesus Cristo: "A voz da nossa Aldeia é a Cruz. A incrível aceitação da nossa Obra vem pela Cruz (...), digo, é por via daquele sinal que esperam, que acreditam e que nos amam!"⁷⁷.

⁷⁵ Veja-se ainda sobre a confiança na gente pobre e em Deus, P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., 51 ss; *Idem*, (1986), *Cantinho dos Rapazes*. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, pp. 103 ss.

⁷⁶ Sendo um homem de 'oração' e de 'acção', não é de estranhar que o P.e Américo tenha essas atitudes de entrega, de intercessão, de confiança, de encontro, etc. Cfr. P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., p. 11, 42; *Idem*, *Doutrina*, 1.º Vol. (2.ª ed.), op. cit., p. 20 ss, 2.º Vol., op. cit., 180, 212; *Obra da Rua*, (3.ª ed.), op. cit., p. 65; *Idem*, *De como eu fui...*, op. cit., p. 225 ss.

⁷⁷ P.e Américo, *Doutrina*, 2.º Vol., op. cit., p. 42.

É nela que o P.e Américo encontra forças, atitudes de entrega e de confiança para realizar a sua 'via-sacra' em prol dos pobres e na expansão da sua Obra. Em muitos dos seus escritos está bem patente essa espiritualidade da cruz e da dor⁷⁸. O sofrimento e a dor são efusões de beleza moral que tem como salva-vidas, no oceano do mundo da pobreza e da miséria humana, a oração e a acção.

Ideias (in)conclusivas para 'ruminar' humanamente

Dissemos que o P.e Américo foi um homem de acção, um homem prático. Porém, sabemos que toda a acção prática tem que ser previamente pensada, nem que seja de modo intuitivo. Por isso, há na sua espiritualidade e no seu pensamento filosófico-teológico muitos vestígios de uma filosofia católica adquirida na sua época de seminarista, quando professor de Português no Seminário de Coimbra, nos retiros espirituais, como sacerdote e durante as experiências com a Obra da Rua. Apesar de não ser um teórico, mais bem um prático fruto da sua experiência de vida, não esteve alheio aos saberes e às ideias em moda ao longo da sua vida e, principalmente no período de formação sacerdotal (Seminário de Coimbra) e de realização da sua Obra da Rua com as Casas e Lares do Gaiato e o Património dos Pobres.

Não estranhemos que a sua filosofia do 'agir' apresente três formas bem definidas: o conhecer as realidades e as misérias sociais e humanas do seu tempo (sentido de observação, de aproximação e de diálogo), o inserir-se no próprio 'meio' e nas suas estruturas (procura as causas para ventilar soluções e convive com esses seres) e no assistir e actuar nele (trabalho social, serviço social voluntário pela ajuda caritativa material e espiritual). Se admitimos que nada pode ser feito na prática sem ter sido pensado prévia ou simultaneamente com ideias mais ou menos estruturadas, então designamo-lo como 'pensador prático' ou um homem de acção (e de 'oração'). O seu realismo e inquietação levam-no a 'agir', a promover a Obra da Rua, com o *Património dos Pobres* e o *Calvário* para doentes inutilizados e deficientes mentais⁷⁹. Um dos aspectos

⁷⁸ Esse sentimento e/ou espiritualidade da cruz pode ver-se em: P.e Américo, *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., p. 208; 2.º Vol. (5.ª ed.), op. cit., p. 165; 3.º Vol. (3.ª ed.), op. cit., p. 45; 4.º Vol., op. cit., p. 146; *Idem*, *De como eu fui...*, op. cit., p. 62, 260 ss; *Idem*, *Notas da Quinzena*, op. cit., p. 279; *Idem*, «Outra Vez na Emissora Nacional», *O Gaiato*, Ano V, n.º 107 (3 de Abril, 1948), p. 1.

⁷⁹ Os inícios da sua paixão pelos doentes vem já da infância, da doença do seu irmão António e, principalmente, com o Frei Matias no Convento de Tuy e os doentes das redondezas (comprou uma cadeira de verga para os frades enfermos gozarem de um bocadinho de comodidade). No Seminário de Coimbra, antes de se ordenar, entrega ao Prelado o resto dos seus bens para uma Casa de Repouso de Padres idosos e doentes e escreve o artigo «Milagre», in *Lume Novo*, n.º 1 (8/12/1926), narrando a história de uma rapaz enjeitado, doente e abandonado.

mais extraordinários dessa sua 'filosofia de acção' foi a sua capacidade de conceber, a partir de situações concretas e individuais, uma nova realidade para muitas famílias, através da Obra da Rua.

Por outro lado, manifestou um franciscanismo actuante unido a um grande poder de observação e de intuição na tentativa de compreender a sociedade e as suas misérias. Essa sua preocupação social (antropológica e axiológica) implicou desenvolver uma 'filosofia de acção' em prol dos mais necessitados. Reagiu contra as injustiças sociais, a pobreza e o abandono de muitas crianças, actuando e operando *in situ* e desse 'encontro' lançou as bases da sua Obra.

Em definitivo, intentámos abordar o pensamento do P.e Américo, na vertente filosófico-teológica, que se interrelaciona com a vertente social, pedagógica e ambiental. Destacámos os influxos e os pressupostos teórico-práticos recebidos, principalmente quando decidiu rumar para a vida sacerdotal. P.e Américo foi um homem do seu tempo, produto da espiritualidade de então, das ideias que vigoravam na formação seminarista, dos flagelos das duas Guerras Mundiais, da época de crises económicas e sociais, da falta de uma doutrina social activa da Igreja, da situação de atraso do País, etc.

No fundo, o seu pensamento e acção perfilha uma filosofia católica da vida, que inclui uma filosofia do amor e da caridade. Chamamos a esse tipo de caridade uma 'caridade activa', em acção (assistencial, social e socioeducativa) e um 'amor pelo amor' aos seres humanos mais desprotegidos e abandonados, especialmente pelos garotos da 'rua'. Essa 'filosofia da vida' está impregnada de um franciscanismo, de um humanismo social e personalista, de um sociologismo católico que o levou a desempenhar uma serviço social e assistencial activo e interventor em realidades tão desprezadas pelos cristãos e pela sociedade da época.

O fundador da Obra da Rua apresenta uma visão escatológica impregnada de franciscanismo. Crê que a sua missão é o de reparar o 'mal' (dos pobres, dos abandonados), conquistando nessa acção a alegria interior para além de todos os obstáculos. A pobreza foi o seu ideal livremente procurado, o estado ideal na obediência e no amor. Destas, a mais alta é o amor, realidade de encontro com o 'próximo' necessitado e pela qual se aproxima de Deus, pois o amor que ama, é o amor divino. Deste modo, num âmbito antropológico tende a circunscrever-se numa dimensão humanista, na reflexão sobre o homem, mas do homem real em situações-limite de existência (pobre, doente, marginalizado, abandonado, etc.), numa dupla abertura ou duplo horizonte, simultâneo, de acção socioeducativa ('cós mica') e escatológica.

Reiteramos, pois, que o P.e Américo foi essencialmente um homem prático, de acção, aprendendo com a experiência do que fazia. Reconhecemos no P.e Américo uma grande cultura, uma grande capacidade de intuição e uma projecção humana e social, não pondo de lado a hipótese que tenha recebido ou perfilhasse indirectamente muitos desses ideais da etapa de seminarista. Contudo,

o seu pensamento é 'sui generis' pelo seu modo de ser e agir, coerente e defensor dos princípios da filosofia católica, aprendendo de um único livro, o Evangelho, e de um único personagem - 'Cristo Vivo'.

Outra Bibliografia de Referência (Correspondência)

- AMÉRICO, P.e: **Carta dirigida ao padre Adriano Santo** (Vila Verde-Figueira da Foz), desde Paço de Sousa, datada de 10/02/1956, formato cartão timbrado Obra, frente (p. 1).
- AMÉRICO, P.e: **Correspondência com o Dr. Agostinho Vaz Patto e M.^a Vaz Patto** - 11 Cartas, datadas de 5/08/1936 a 22/12/1950, formato normal (p. 1) (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: **Carta ao Bispo do Porto D. António Ferreira Gomes**, enviada desde Paço de Sousa, sem data [1953 ?], formato cartão timbrado da Obra da Rua, frente (p. 1).
- AMÉRICO, P.e: **Correspondência com o P.e António J. de Carvalho** (Roma) - Carta n.º 1 datada de 15/08/1955, desde Paço de Sousa, 2 pág.s, tipo cartão timbrado da Obra.
- AMÉRICO, (P.e): **Correspondência com o P.e Dr. António Moreira da Rocha**, residente em Penafiel: Carta n.º 1, datada de 31/03/1926, desde Seminário de Coimbra, 2 p.s, formato normal; Carta n.º 2, datada de Junho/1926, desde o Seminário de Coimbra, 2 p.s, formato normal.
- AMÉRICO, P.e: **Correspondência com o P.e António Pacheco**, paróquia do Carvalhido (Porto), 21 Cartas, entre 1953-56, desde Paço de Sousa, formato cartão timbrado da Obra, frente e/ou verso, por motivo do '*Património dos Pobres*', (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: **Correspondência com António Russel de Sousa**, residente no Porto: 53 Cartas, entre 15/02/1943 a 1/03/1955, desde Coimbra ou Paço de Sousa, formato normal (p.1/2), (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: **Correspondência com o Arcebispo de Coimbra D. Ernesto Sena de Oliveira**: Carta n.º 1 datada de 3/07/1950, desde Paço de Sousa, formato normal (pp. 1-2) fala sobre as senhoras açoreanas '*Irmãs de Aljustrel*' ao serviço da Obra (Espólio do P.e Horácio).
- AMÉRICO, P.e: **Correspondência com o Arcebispo de Évora D. Manuel Trindade Salgueiro** - Carta n.º 1, datada 21/03/1954, desde Paço de Sousa, formato cartão timbrado com o dístico da Obra da Rua, frente (p. 1).
- AMÉRICO, P.e: **Carta dirigida a Augusto Cunha**, enviada desde Paço de Sousa, datada de 20/11/1946, formato cartão com timbre da Obra, frente (p. 1) (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: **Correspondência com a prima Benilde** - Carta n.º 1, datada de 15/11/1930, desde Paço de Sousa, formato normal, duas páginas (Arquivo da Casa do Gaiato).

- AMÉRICO, P.e: *Correspondência com Carlos Cunha*, 4 Cartas, enviadas desde Paço de Sousa, formato cartão com o timbre da Obra da Rua, datadas entre 25/09/1944 e 7/05/1954 (p. 1) (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: *Correspondência com P.e Carlos Galamba* ('padre da rua' na Casa do Gaiato de Paço de Sousa), 38 Cartas, datadas entre 1952-1956, desde Paço de Sousa, formato cartão timbrado com o dístico da Obra da Rua (p.1-2) (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: *Correspondência com o gaiato Carlos Rebelo Gonçalves, 109 Cartas* datadas entre 1947-1956, desde Paço de Sousa, 'Africa, etc. formato cartão timbrado com o dístico da Obra da Rua, frente e verso (pp. 1-2). (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: *Carta dirigida ao Dr. Domingos Braga da Cruz*, desde Paço de Sousa, de 20/04/1956, formato cartão com o timbre da Obra, frente (p. 1) (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: *Correspondência ao padre Duarte*, residente no Fontelo de S. Domingos (Lamego), 5 Cartas enviadas desde Paço de Sousa, datadas entre 28/07/1951 a 1955, formato cartão timbrado da Obra (p.1) (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: *Carta dirigida ao coronel Hornurg* (firma inglesa), desde Paço de Sousa para Moçambique (pedido de emprego para o gaiato Carlos Rebelo), datada de 24/02/1953, formato normal (pp. 1-2) (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: *Correspondência ao engenheiro José Vieira de Campos* (Chefe de Gabinete do Ministro das Obras Públicas – Lisboa), 4 Cartas, desde Paço de Sousa, datadas entre 2/03/1945 e 13/06/1948, formato cartão timbrado, frente (p.1) (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: *Correspondência com o primo D. Gabriel de Sousa (osh)*: 5 Cartas, datadas entre 14/12/1944 8/06/1951, desde o 'Hotel Francfort' de Lisboa ou Paço de Sousa, formato normal (p. 1) (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: *Correspondência com o P.e Horácio* ('padre da rua'), 47 Cartas todas enviadas desde Paço de Sousa para a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, de formato cartão, timbradas com o dístico da Obra da Rua, frente e verso (pp. 1-2), datadas entre 28/08/1950 e 23/06/1956, (Espólio do P.e Horácio).
- AMÉRICO, P.e: *Carta ao irmão Jaime Monteiro de Aguiar*, datada de Dezembro de 1927, desde o Seminário de Coimbra, formato normal (pp. 1-3) (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: *Correspondência ao gaiato Júlio Mendes*, 8 Cartas, datadas entre 1946 e 24/06/1952, desde Paço de Sousa, Rio de Janeiro, Lisboa e Miranda do Corvo, formato cartão (p. 1), (Arquivo da Casa do Gaiato).

- AMÉRICO, P.e: *Correspondência com a Liga dos Amigos da Casa do Gaiato* ('Os Namorados da Casa do Gaiato' no Porto) – Carta n.º 1, datada de 25/12/1947, desde Paço de Sousa, formato cartão timbrado com o dístico da Obra da Rua, frente e verso (pp. 1-2) (Anexo n.º 15) (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: *Correspondência a Manuel Alves Cunha* (proprietário do 'Espelho da Moda'), 50 Cartas, datadas de 4/06/1942 a 31/10/1955, desde Coimbra ou Paço de Sousa, formato cartão com o dístico da Obra, frente e verso (pp. 1-2) (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: *Correspondência com M.ª José Neves Correia e Silva*, residente na Sertã: 9 Cartas, datada de 27/03/1931 a 22/11/1933, desde o Seminário de Coimbra (uma desde Caminha), formato normal (p.1) (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: *Correspondência com D. M.ª José Silva* (empregada na loja 'Espelho da Moda' no Porto, pertencente aos irmãos Cunha), 4 Cartas, datadas de 15/12/1951 a 24/02/1953, desde Paço de Sousa, formato cartão (p.1) (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: *Carta dirigida a Monsenhor Miguel Sampaio*, residente em Ermesinde, desde Paço de Sousa, datada de 24/06/1950, formato de cartão (p.1) (Arquivo Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: *Dois Cartas dirigidas aos padres da rua* (Padres Adriano, Horácio e Carlos), data de 1954, desde Paço de Sousa, formato cartão, frente (p.1) (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO (P.e): *Correspondência com Simão Correia Neves*, casado com D.ª Judite, residente no Funchal (Madeira), 70 Cartas datadas entre 1914 a 1951, enviadas desde Lisboa, Antelagar, Paço de Sousa, Lourenço Marques, Vilarinho Ramalhosa – Tuy, Coimbra e Seminário de Coimbra, formato normal (pp. 1-2) (Espólio do Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: *Carta dirigida ao arquitecto Teixeira Lopes*, enviada desde Paço de Sousa para o Porto, datada de 3/01/1954, formato cartão timbrado com o dístico da Obra da Rua, frente e verso (pp. 1-2) (Arquivo da Casa do Gaiato).
- AMÉRICO, P.e: *Carta dirigida a D. Rafael de Assunção*, desde Paço de Sousa, datada de 10/08/1954, formato normal com o dístico da Obra, (pp. 1-2) (Arquivo Casa do Gaiato).